

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ORIDES BERNARDINO

CASA, ESPAÇO DE ACOLHIDA E LIBERTAÇÃO PARA AS PRIMEIRAS
COMUNIDADES CRISTÃS

São Leopoldo

2010

ORIDES BERNARDINO

CASA, ESPAÇO DE ACOLHIDA E LIBERTAÇÃO PARA AS PRIMEIRAS
COMUNIDADES CRISTÃS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Prof. Dr. Uwe Wegner

São Leopoldo
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B523c Bernardino, Orides

Casa, espaço de acolhida e libertação para as primeiras comunidades cristãs / Orides Bernardino ; orientador Uwe Wegner ; co-orientador Flávio Schmitt . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

70 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Casas – Aspectos religiosos. 2. Espaço sagrado. I. Wegner, Uwe. II. Schmitt, Flávio. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

AGRADECIMENTOS

A Deus, respiração e inspiração, refúgio, fortaleza e confiança.

Ao profº Dr. Uwe Wegner, pela orientação, pelo compromisso profissional, sua capacidade de valorização e respeito a seus orientandos.

Aos professores do Mestrado pela contribuição com seus ensinamentos.

À Escola Superior de Teologia, ao Programa de Pós-Graduação, pelo compromisso com a qualificação profissional.

A ADVENIAT pela confiança e auxílio financeiro.

Ao CEBI / SC pela oportunidade no aprimoramento do conhecimento e incentivo.

A Dom Luis Carlos Eccel – Bispo Emérito de Caçador – confiança.

Aos meus pais: Martinho e Ivone - que possibilitaram minha caminhada até aqui.

A Naiara – minha filha – pela paciência nas ausências.

A minha esposa – Neciolir - pela dedicação de afeto e carinho nos momentos difíceis.

Iahweh, meu coração não se eleva,
nem meus olhos se alteiam;
não ando atrás de grandezas,
nem de maravilhas que me ultrapassam.
Não! Fiz calar e repousar meus desejos,
como criança desmamada no colo de sua mãe,
como criança desmamada estão em mim meus desejos.
Israel, põe tua esperança em Iahweh,
desde agora e para sempre!

Salmo 131 (130)

RESUMO

A casa não é apenas o abrigo familiar, mas também “o espaço de socialização e de sociabilidade; de religiosidade; de cuidado com a saúde; de reprodução alimentar”. É no ambiente da casa “que os primeiros sentimentos humanos como intimidade, cooperação, reprodução de *habitus* e costumes familiares são desenvolvidos, construídos e socializados”. No Novo Testamento a casa representa um sentido que vai além da moradia ou simples referência familiar, estando impregnada de referenciais históricos e socioeconômicos, em parcial continuidade com o AT. Este trabalho procura compreender a função da casa e qual a sua importância para a estruturação da missão cristã como espaço de acolhida, de comunhão, libertação e de inclusão, espaço importante de novas relações comunitárias e evangélicas com potencial transformador, onde a família e a comunidade se encontram. A abordagem é feita, considerando-se, sobretudo, a prática de Jesus e das comunidades primitivas, segundo os Atos dos Apóstolos.

Palavras-chave: Casa. Acolhida. Inclusão. Igreja.

ABSTRACT

A home is not only a family shelter, but also the “space for socialization and sociability; for religiosity; for health care; for food reproduction”. It is in the home environment “that the first human feelings such as intimacy, cooperation, *habitus* reproduction and family habits are developed, built and socialized”. In the New Testament, the home represents a feeling that goes beyond a house or family reference, being filled up with historical and socio-economic associations, in partial continuity with the Old Testament. This paper tries to understand the function of the home and its importance for the structuring of the Christian mission as a space of welcoming, communion, liberation and inclusion, an important space for new communitarian and evangelical relationships having a transforming potential, where the family and the community can get together. The approach is made mainly taking into consideration Jesus’ practices and those of primitive communities, according to the Act of the Apostles.

Keywords: Home. Welcoming. Inclusion. Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A CASA NA PALESTINA DOS TEMPOS BÍBLICOS	13
1.1 A casa tem história	13
1.2 A casa e as descobertas arqueológicas	19
1.3 A casa nas cidades helenísticas da Palestina	21
1.4 A casa e a religião no mundo greco-romano	24
2 A CASA E JESUS NA GALILÉIA.....	27
2.1 Longe de sua casa.....	27
2.2 Na casa de José e Maria.....	29
2.3 Templo e casa.....	31
3 A CASA NO EVANGELHO DE LUCAS	34
3.1 Casa – lugar da cura	37
3.2 Casa – lugar de perdão	41
3.3 Jesus na casa de Marta.....	46
3.4 A casa do pai e a casa do patrão	48
3.5 Na casa a celebração da Páscoa.....	51
4 A CASA EM ATOS DOS APÓSTOLOS.....	53
4.1 Casa, espaço de reunião das Igrejas	54
4.2 Casa – lugar da evangelização.....	58
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

A Casa é um dos arquétipos mais importantes da psique humana. A Casa é mais do que uma realidade física feita de quatro paredes, portas, janelas e telhado.¹ A casa tem historicamente permitido uma variedade de imagens e significados, seja ela entendida como uma construção específica que serve de abrigo, seja como uma imagem de um espaço simbólico de pertencimento social, de intimidade e segurança. Casa é uma experiência existencial primitiva, ligada ao que há de mais precioso na vida humana, que é a relação afetiva entre os que habitam a casa, os pais, irmãos, os avós e outros.²

A história da habitação é a história da luta do ser humano contra a natureza. Segundo Furtado³, a primeira “casa” construída pelo homem foi a choça de galhos de árvore e após múltiplas experiências, o trançado de junco entre um galho e outro possibilitou o revestimento de barro, resistente às primeiras chuvas. Mas havia um defeito: a água da chuva invadia a choça, sendo necessário corrigir o nível do solo. Com a mescla de galhos, junco e argila o problema foi resolvido e a primeira habitação humana ficou pronta.

Conforme Boff:⁴

Casa representa segurança e refúgio das ameaças que vêm de fora. Casa é o espaço do mundo que nós escolhemos, preparamos, organizamos, adornamos e fazemos a moradia a partir da qual contemplamos a Terra e o céu. A Casa nos dá raízes, nos

¹ BOFF, Leonardo. **O Senhor é meu pastor**: consolo divino para o desamparo humano. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 186.

² BOFF, 2009, p. 186.

³ FURTADO, Raimundo Nonato Oliveira. **Impactos na qualidade de vida e ambiental**: um estudo sobre o bairro Cidade Universitária. João Pessoa: CEFET-PB, 2008. p. 16.

⁴ BOFF, 2009, p.186.

fixa no solo e nos fornece orientações. Estar em Casa é estar no seu espaço, na sua intimidade, no lugar de plena liberdade e espontaneidade. Negar Casa a alguém é negar-lhe o útero que o protege e acolhe, é tirar-lhe a segurança necessária pra viver, é fazê-lo um errante sem pátria e sem rumo.

Sabemos que a Igreja cristã começou em casa de família: “Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração”⁵. A casa é muito importante na vida das pessoas e na organização da sociedade. Como diz o povo: “Quem casa quer casa.” Casa é a moradia da família. A casa não é só um abrigo para o ser humano, mas também um porto seguro para seus sonhos e devaneios, é onde ele se reencontra com sua intimidade. Segundo Bachelard⁶ a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Morar não se restringe às circunstâncias de alojar o corpo. Uma casa quando se revela habitável é sempre um pedaço de universo, construído de singularidades onde seu morador se sente à vontade.

Ao pesquisar a “Casa, espaço de acolhida e libertação para as primeiras comunidades cristãs”, procuramos compreender a sua função e qual a sua importância para a estruturação da missão cristã como espaço de acolhida, de comunhão, libertação e de inclusão, resgatando a importância das casas, do trabalho e do ambiente doméstico como espaço importante de novas relações comunitárias e evangélicas com potencial transformador. Espaço onde a vida se desenrola, onde tudo se discute, onde a família e a comunidade se encontram.

No antigo Israel, a vida estava organizada ao redor da casa. A casa era o vínculo principal da tradição, da sabedoria e da identidade do povo. Defender a casa, a comunidade, o clã, era o mesmo que defender a Aliança com Deus. Segundo Orofino⁷, em Israel, uma casa era o local residencial de um número significativo de pessoas, ligadas entre si pelos laços do parentesco e era também um espaço celebrativo.

⁵ Cf. Atos, 2, 46.

⁶ BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Tópicos). p. 24.

⁷ OROFINO, Francisco. **Resistência – Solidariedade – Mística**. A Casa e o ano jubilar. In: Estudos Bíblicos nº 58. Petrópolis: Editora Vozes/Sinodal, 1998. p. 34-35.

No Novo Testamento é frequente o uso do termo “casa de Israel”, “casa de Judá”, “casa de Jacó” para se falar do povo de Deus, enfatizando, sobretudo a descendência da comunidade primitiva, que se coloca em continuidade e conformidade com o Antigo Testamento. Estas expressões aparecem principalmente em discursos que tem como objetivo persuadir os ouvintes de que a raça, a nação, a família tem como antecedente a história do povo e a experiência vivida com o Deus Javé.⁸

Percebemos nos evangelhos que Jesus entra nas casas, acolhe e é acolhido, cura, abençoa, observa e escuta. A casa é o lugar do poder serviço, do comunitário, da inclusão, do carinho, do diálogo, da esperança. Acolher o outro, a outra em casa é formar comunidade, é construir a igreja doméstica. Espaço diferente do Templo que exclui, individualiza e oprime.

O Verbo se fez carne e habitou entre nós.⁹ Dizer que Jesus fez sua morada no meio de nós, é proclamar a intensidade dos laços de intimidade que Deus quis e quer ter conosco. A casa é o lugar do encontro. Ao saber que sua prima estava grávida, Maria partiu e foi ao encontro de Izabel.¹⁰ A alegria, a saudação, a acolhida, o abraço envolveu a todos. Gerou libertação. Na casa de Simão, Jesus entra e cura a sogra de Simão.¹¹ Esta é liberta da dor, do sofrimento. Ela era uma excluída da sociedade, mulher, doente e Jesus a acolhe, dá-lhe carinho, atenção. Ele sabia que, por detrás de toda aquela cena aparente de uma grave enfermidade, existia uma pessoa decaída em sua dignidade. Levi faz uma grande festa para acolher Jesus em sua casa.¹² Na casa do fariseu Jesus acolhe a mulher e é acariciado e acolhido por ela.¹³

É a partir da casa onde acontece a saudação, a acolhida que iniciamos a nossa caminhada para anunciar a libertação do povo de Deus. Partilhar a mesma casa é partilhar a

⁸ Cf. Mt 10, 6; 15, 24; At 2, 36; Lc 1, 27.69; At 7, 46.

⁹ Cf. Jo 1, 14.

¹⁰ Cf. Lc 1, 39-45.

¹¹ Cf. Lc 4, 38-39.

¹² Cf. Lc 5, 29.

¹³ Cf. Lc 7, 36-50.

vida, viver solidariamente seus problemas e alegrias. A casa não é apenas necessária como abrigo e espaço de convivência familiar. Ela continua sendo “tenda” do Verbo e espaço de concretização da Igreja. A casa é o lugar da evangelização e celebração. É o lugar em que a comunidade se constitui como comunidade do novo Povo de Deus. A Igreja na casa está ligada a um espaço humano que se reúne e vive a sua fé em comunidade.

De acordo com o objetivo proposto a pesquisa foi exploratória bibliográfica, uma vez que foi apoiada em material já elaborado, principalmente livros de referência, artigos científicos e informações disponibilizadas na Internet. Segundo Gil¹⁴, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla do que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

No primeiro capítulo, procuramos discorrer sobre a casa na Palestina dos tempos bíblicos, a história, as descobertas arqueológicas e a religião no mundo greco-romano. No segundo capítulo, apresentamos a casa e Jesus na Galiléia: o nascimento de Jesus longe de casa, a casa de José e Maria e o Templo e a casa. No terceiro, a casa no evangelho de Lucas, destacando a casa como lugar de cura, de perdão, o discipulado de mulheres, a casa do pai e a casa do patrão e a celebração da Páscoa que acontece na casa. No quarto capítulo dissertamos sobre a casa em Atos dos Apóstolos, observando a casa como espaço do encontro da família, da comunidade e lugar da evangelização.

Acredito que a importância deste trabalho está em podermos entrar na casa, olhá-la de perto, tocá-la, sentir cada pedacinho de sua estrutura, entrar na sua intimidade e participar do diálogo, da festa e do banquete que acontece em seu interior. Vivemos num sistema que nos cega e nos impede de observarmos a nossa própria casa, a nossa história e nos tornamos

¹⁴ GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

surdos para o convite: “Vem à minha Casa e repousa e refaz as forças e experimenta como é suave o meu amor.”

1 A CASA NA PALESTINA DOS TEMPOS BÍBLICOS

Uma das buscas fundamentais do homem foi um abrigo, uma casa. A história da humanidade pode ser lida à luz da casa. No Antigo Testamento a casa era sinônimo de família. Já que a casa era o lugar de encontro, vida, trabalho e reprodução da família, usa-se o termo “casa” ou “casa paterna” para designar a família. A expressão “casa de Israel” revela o sentimento de solidariedade do povo que se considerava uma grande família, na qual conviviam os “filhos de Israel”. Esta identificação terminológica mostra a grande importância que a casa tinha para a família israelita. O sentido da casa como unidade básica da economia e das relações sociais de produção está presente desde a Antiguidade e em várias culturas, inclusive na formação e experiência do povo bíblico.

1.1 A casa tem história

Pensadores do espaço tem observado, ao longo da História, as estreitas relações entre o corpo e a casa, lugar de referência do homem perante o mundo.¹⁵ Organizando o espaço a partir de seu corpo, o homem teria feito da casa uma reprodução direta de suas próprias proporções. Vitruvius, à época do imperador romano Augusto, já se manifestava a respeito da

¹⁵ CHEVLIER, J & GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991. p. 196.

origem da casa¹⁶ e, ainda nos dias de hoje, confrontam-se as várias teorias sobre as verdadeiras razões que levaram o homem primitivo a construir sua primeira morada.

A busca por compreender a autêntica natureza da casa motivou, em todas as épocas, especulações a respeito da cabana primitiva. Por necessidade de proteção ou com o intuito de domesticar o espaço natural por meios simbólicos, a primeira casa do homem foi inclusive associada às construções animais (colméias, formigueiros), como continuação dos ritmos da natureza.

Segundo Rykwert¹⁷, com base nos mitos das sociedades primitivas, Vitruvius defendeu que no descobrimento do fogo está a origem da casa e do homem-social. A consciência do fogo seria precursora das atividades criativas do homem. O fogo marcou a fundação do espaço doméstico construído pelos nossos ancestrais. Dominado ao centro da casa, representava a alma da habitação. Para Fernandez-Galiano¹⁸, o fogo foi durante muito tempo o principal elemento presente nos rituais de fundação doméstica e mesmo urbana, reproduzindo “a concepção do cosmos” onde “o fogo ocupa um lugar de privilégio”.

A casa não é apenas o abrigo familiar, mas também “o espaço de socialização e de sociabilidade; de religiosidade; de cuidado com a saúde; de reprodução alimentar”.¹⁹ É no ambiente da casa “que os primeiros sentimentos humanos como intimidade, cooperação, reprodução de *habitus* e costumes familiares são desenvolvidos, construídos e socializados”²⁰. Segundo Gunter²¹, a casa é muito mais do que um lugar de moradia. A casa é um lugar onde desenvolvemos grandes projetos, os quais estão associados a um alto significado social e às necessidades de nosso ego.

¹⁶ RYKWERT, J. **La casa de Adán em El paraíso**. Barcelona: G. Gili. 2ª Ed., 1999.

¹⁷ RYKWERT, 1999.

¹⁸ FERNANDEZ-GALIANO, L. El fuego Del hogar: La producción histórica Del espacio isotérmico. in: **A&V: Monografias de arquitectura y vivienda**, nº 14. Madri, 1988. p. 33-34.

¹⁹ WOORTMANN, Ellen. F. **Da complementaridade à dependência, a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do nordeste**. Brasília. Série Antropológica, 1991. p. 16.

²⁰ SILVA, Marilu Albano da. **Cozinha: espaço de relações sociais**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/10083/5852>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

²¹ GUNTER, B. **The psychology of the home**. London: Whurr Publishers, 2000.

Ao explicar o conceito fenomenológico, Bachelard expõe que “é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’”²², evidenciando a casa como nosso ponto de referência no mundo, como signo de habitação e proteção. Essa imagem da casa constitui-se um devaneio imemorial; promove a comunhão entre memória e imaginação, lembrança e imagem. É como se a memória da primeira moradia acompanhasse-nos durante toda a vida, todo sonho e devaneio, como se ela fosse indelével na nossa imaginação. Esse canto é a casa. Ela aconchega quando uma criança é repreendida pelos adultos e acolhe diante do medo.

A imagem da casa no inconsciente coletivo é arquétipo da primeira morada, do útero materno, da proteção, da vida recolhida, do refúgio, do retiro e do centro. Bachelard afirma que a casa é um arquétipo que evolui. Além disso, a casa é um ser vertical, por seus pólos que refletem os esquemas verticais da psicologia humana: o sótão/telhado (que refletem as funções conscientes, o racional) e o porão (que representa o inconsciente), o lugar de nossos devaneios, de nossas intimidades, do repouso e da proteção.

Vemos, com isso, que a casa é um dos maiores poderes que permitem interligar os pensamentos, lembranças, os sonhos do homem e os devaneios. A casa é vista, segundo Bachelard, como o grande berço, o aconchego e proteção, desde o nascimento do homem; é o paraíso material. As lembranças da casa estão guardadas na memória, no inconsciente e acompanha-nos durante toda a vida e, sempre voltamo-nos a elas nos nossos devaneios.

[...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismo diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professor das metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande fato, esse simples fato, na medida em

²² BACHELARD, 2008, p. 24.

que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos nos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa.²³

Para Klaas Woortmann, a casa constitui uma categoria central de um domínio cultural, ela é um mapa simbólico de representações ideológicas. Segundo ele para entender o significado de casa para um determinado grupo deve-se partir das próprias concepções desse grupo sobre seu significado, constatando, em estudos antropológicos e sociológicos, que:

A casa é sempre pensada pelo grupo em questão como a contrapartida material da família - e existência de uma família tem como requisito uma casa; correlatamente, a casa é o locus de realização do grupo doméstico. No grupo por mim estudado em Salvador (Woortmann, 1975), a mesma palavra – casa - expressa tanto a idéia de uma estrutura material como de uma organização doméstica e outros estudos tanto em áreas urbanas (Heye, 1980) como rurais (Garcia Jr. 1975) revelam que essa estrutura material, o prédio, é, também, uma estrutura simbólica – um mapa, conforme dissemos – daquela organização. A casa é, então, a “materialização” da família, o espaço ritual onde seus membros interagem; é, também, o locus da produção da força de trabalho de seus membros individuais, na medida em que a família é uma estrutura de reprodução (Neto, 1978), e ainda, como coloca Macedo (1979), é no seu interior que as famílias constroem o seu mundo próprio e, através dele, se relacionam com o mundo externo.²⁴

“Casa é um fato humano”, escreve Amos Rapoport²⁵. Seres humanos combinam “a visão... de uma vida ideal” com a tecnologia e materiais de construção disponíveis. “O homem tem que construir para controlar seu ambiente, contudo, é mais o ambiente interno, social e religioso do que o físico, o que ele está controlando”²⁶. Porém, isso não é uma questão subjetiva. O homem precisa construir seu mundo dentro de uma harmonia interna e externa onde uma afeta e modifica a outra. “O ser humano está externalizando em sua essência a partir da origem”²⁷, e está em necessidade de estruturas materiais e imateriais, e ambas formam uma realidade unida. Isso é expresso pela sua habitação.

²³ BACHELARD, 2008, p. 26.

²⁴ WOORTMANN. Klaas, **Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda**. Relatório final. Brasília Série Antropológica, 1982. p. 120.

²⁵ RAPOPORT, Amos: **House, Form and Culture**. Prentice Hall Inc., 1969. p. 48.

²⁶ RAPOPORT, 1969, p. 60.

²⁷ BERGER, P. L. **The Social Reality of Religion**. Faber and Faber, 1967. p. 4.

Ao fazer a distinção entre as funções de “casa e rua”, Damatta²⁸ sugere que a casa seja o espaço do lar, da formação da intimidade familiar e um espaço próprio, na qual se possa exceder nas emoções. DaMatta entende a casa como um lugar em que há uma predileção por valores como “honra”, “vergonha” e “respeito”. Ao mesmo tempo, o sentimento familiar se estende não apenas para relações de parentescos, mas também para amigos ou vizinhos que se tornam “da família”.

Na sociedade israelita a casa era o centro da vida e da identidade de uma pessoa, a base da organização social. Numa casa israelita moravam muitas pessoas:

Em Israel, uma casa era o local residencial de um número significativo de pessoas, ligadas entre si pelos laços do parentesco. Esta reunião familiar podia abranger várias gerações numa mesma linhagem de descendência. Avós, pais, filhos, netos, tios, agregados, todos viviam na “casa”. Assim, a palavra *casa* tanto pode definir o conjunto residencial como também o grupo de pessoas que lá vivia. O túmulo dos antepassados servia de elo de ligação entre as pessoas e a terra familiar. Por isso todos eram enterrados nas terras da família (1Sm 25,1; 2Sm 21,14).

[...]

O conceito de *shalôm* mostra que a casa era também um espaço celebrativo. As narrativas sobre a festa da Páscoa retratam bem este ambiente de celebração familiar em torno de Javé, o Deus Libertador (Ex12, 1-14). A memória da libertação realizada por Javé no Egito tinha como ponto de partida um fato sempre lembrado: “Javé passou no Egito junto às casas dos filhos de Israel, ferindo os egípcios e protegendo as nossas casas” (Ex 12,27). Esta memória foi particularmente forte durante o período tribal. No tempo dos juízes, as assembléias celebrativas nos santuários eram o momento privilegiado onde as casas renovavam o compromisso de continuar na confederação tribal através da renovação da fé em Javé, reafirmando sua vontade em continuar no projeto de Javé. Na assembléia de Siquém, Josué reafirma: “De minha parte eu e minha casa serviremos a Javé!” (Js 24,15).²⁹

No antigo Israel, a vida estava organizada ao redor da casa. A família, o clã, isto é, a grande família (a comunidade), era à base da convivência social. É na casa que se estruturavam as relações de poder, as leis, a organização da produção e a vida social. Era a proteção das famílias e das pessoas, a garantia de posse da terra, a defesa da identidade. Era a maneira concreta do povo daquela época encarnar o amor de Deus no amor ao próximo. Sua

²⁸ DAMATTA, R. *A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

²⁹ OROFINO, 1998, p. 34-35.

expressão mais bonita era a lei do resgate³⁰. A casa era o vínculo principal da tradição, da sabedoria e da identidade do povo. Conceder hospitalidade a parentes e amigos era algo natural e um dever, cumprido com gosto.³¹ Defender a casa, a comunidade, o clã, era o mesmo que defender a Aliança com Deus.

Com a monarquia as casas não desaparecem. As tribos perdem parte da sua autonomia. Pouco a pouco, o sistema tribal, centralizado na casa e na aldeia, foi submetido à corte e ao Templo, com a exploração por meio de tributos. Esta tendência aumentou com a dominação de outros impérios – Assíria, Babilônia e Pérsia -, especialmente dos gregos. Com eles implantou-se o helenismo, um sistema baseado na cidade. Mas muitas das práticas das instituições tribais seguem existindo. Cada família, clã, tribo, no seu dia-a-dia tem seus locais de culto, seus santuários tribais, a páscoa (memorial do Êxodo) é celebrada nas casas até a época de Josias. Só Josias destruirá os santuários tribais. Mesmo assim a espiritualidade, as leis da casa, das tribos permanecerão fortes em muitos lugares. Estes são os berços da profecia e mais tarde do próprio Jesus. A casa, seus valores e seus princípios – Deus do Êxodo, relações de solidariedade – continuarão sendo local básico da educação e da formação das pessoas.

No Novo Testamento a casa representa um sentido que vai além da moradia ou simples referência familiar, está impregnada de referenciais históricos e socioeconômicos. É frequente, no Novo Testamento, o uso do termo “casa de Israel”, “casa de Judá”, “casa de Jacó” para se falar do povo de Deus, enfatizando, sobretudo a descendência da comunidade primitiva, que se coloca em continuidade e conformidade com o Antigo Testamento. Estas expressões aparecem principalmente em discursos que têm como objetivo persuadir os

³⁰ Cf. Lv 25, 23-55.

³¹ LOHSE, Eduardo. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004. 2ª ed. p. 137.

ouvintes de que a raça, a nação, a família têm como antecedente a história do povo e a experiência vivida com o Deus Javé.³²

1.2 A casa e as descobertas arqueológicas

É importante que se tenha idéia da forma física dos edifícios que abrigavam as famílias do mundo antigo. Podemos ter uma idéia a respeito através da arqueologia.

Os próprios modelos de casas ricas em Pompéia e na ilha de Delfos nos dizem algo sobre o relacionamento dentro das famílias. Aí vemos aposentos particulares e escritório para o cabeça da casa. As mulheres e crianças são relegadas a uma seção especial da casa, assim como os escravos. Muitas casas pareciam ter quartos para alugar e uma loja ou duas ao longo da rua. Mais importante é a sala de jantar, onde o *pater familias* (chefe da casa) podia entreter seus clientes e amigos de outras casas.

Com base nas descobertas arqueológicas, segundo o “Novo Dicionário da Bíblia”:

Na Palestina dos tempos bíblicos, a casa fazia parte de um grande complexo fortalecido. [...] As casas, geralmente, tinham dois pavimentos, ainda que algumas pudessem ser mais altas, enquanto que as dependências para os escravos freqüentemente eram apenas quartos aos rés do chão. As paredes do andar térreo eram edificadas de pedras brutas, pelo que eram bastante grossas. As paredes dos andares superiores também eram grossas, ainda que usualmente fossem feitas de tijolos secos ao sol. Nas áreas onde a pedra era escassa, a casa inteira era construída de tijolos de barro; bons alicerces de pedra eram necessários nesse caso, chegando até uma altura suficiente para proteger as redes de tijolos da água da chuva que corria pelas ruas. Os próprios tijolos tinham de ser recobertos com argila à prova d’água, argila margosa.

[...] Os quartos eram extremamente pequenos segundo nossos padrões atuais, excetuando nas casas dos ricos. Usualmente tinham apenas 1,85 m de altura. O chão era feito de uma argila margosa que suporta uso consideravelmente duro com pés descalços. Algumas vilas egípcias, usadas como escolas, até hoje empregam essa espécie de chão. As casas mais caras tinham seus soalhos e pátios pavimentados com lajes. O teto era comumente feito de uma camada grossa de barro margoso, espalhado por cima de uma cobertura de juncos apoiada sobre traves, que por sua vez eram sustentadas sobre esteios. Entre as chuvas o barro às vezes estalava, e rolores cilíndricos de pedra, com cerca de 60 cm de comprimento, eram usados para amassar o barro do teto e assim conserva-lo hermético à água. O teto coberto com telhas, que entrou em uso antes do advento do Novo Testamento, poderia ter uma

³² Cf. Mt 10, 6; 15, 24; At 2, 36; Lc 1, 27. 69; At 7, 46.

inclinação maior que o outro tipo de teto. O teto de pedra, em abóboda, comum nas casas da Palestina de nossos dias, não era usado nos tempos bíblicos.”³³

COLEMAN, em sua obra “Manual dos tempos e costumes bíblicos”, com base nas descobertas arqueológicas, procura descrever as casas dos judeus do primeiro século. Segundo

COLEMAN:

As casas eram de formas e tamanhos variados, pois a diferença entre a classe rica e a pobre era bem sensível. Não havia um modelo que se pudesse apontar como sendo o de uma casa típica da Palestina, mas as dos cidadãos de posses medianas tinham algumas características em comum. Na maioria dos casos, a estrutura delas era simples e bem pequena. A maior parte das atividades diárias dos israelitas era ao ar-livre, então a casa para eles era apenas um abrigo, um local para se fazer as refeições e dormir. [...] As portas de entrada das casas, naquela época, eram diferentes variando muito de uma casa para outra, assim como acontece hoje. Em sua maior parte, as portas eram pequenas e estreitas. Em vez de dobradiças, elas eram presas a um encaixe de pedra, onde giravam com facilidades. É possível que na zona rural as portas fossem deixadas constantemente abertas. O homem da cidade, porém, já era um pouco mais cauteloso. Para os hebreus, a porta tinha uma importância espiritual muito grande. A soleira era de pedra, e considerada sagrada. Durante a Páscoa passava-se sangue nela, para lembrar a ocasião em que tinham sido milagrosamente libertos do cativeiro no Egito, em decorrência das dez pragas. Afixado na ombreira das portas havia o *mezuzá*, que consistia de um tubo de metal ou de uma caixinha de madeira, dentro do qual era guardado um pergaminho contendo o texto de Deuteronômio 6.4-9, o *Shema*, ou credo: “Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por frontal entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.” Hoje em dia ainda há escribas que fazem esses pergaminhos seguindo instruções especiais para isso. O pergaminho era enrolado de forma a que, colocado no estojo, o termo hebraico que significa “Todo-Poderoso” ficasse à vista, através de um orifício que havia na caixa. Muitas vezes, quando um israelita saía ou entrava em casa, beijava os próprios dedos, e em seguida tocava o *mezuzá*. Esse cartucho na porta tinha vários propósitos: era um testemunho de fé para os vizinhos, um sinal de que o morador cria na proteção de Deus, e um lembrete da história do povo de Israel.³⁴

Segundo MACKENZIE:

[...] Não se conhece muitos detalhes sobre o tipo de construção de casas na antiga Palestina. As escavações arqueológicas nunca recuperam mais do que fragmentos de paredes com alguns centímetros de altura no máximo, e geralmente pouco mais do que o traçado do chão. O material de construção raramente era a madeira, exceto para encaixes e tábuas para assoalho e forro; a estrutura era de pedra ou tijolo de argila, dependendo do material mais facilmente disponível. As ruínas indicam que a habitação comum era uma construção bastante modesta. Deterioração constante,

³³ DOUGLAS, J.D. (org). **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1966. p. 271-272.

³⁴ COLEMAN, William L. **Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos**. Venda Nova: Editora Betânia, 1991. p. 14-17.

reparos e reformas de casas somam-se às dificuldades para se chegar a uma idéia clara sobre suas estruturas. As casas que de algum modo sobreviveram, são as maiores e construídas mais solidamente, que presumivelmente, pertenciam a famílias ricas.³⁵

1.3 A casa nas cidades helenísticas da Palestina

Nas cidades helenísticas da Palestina da época do NT, as casas eram construídas no estilo gr. ou romano. A ampla casa helenista era construída ao redor de dois pátios: o pátio maior externo (atrium), aberto ao público e freqüentemente ocupado por lojas, e o pátio interior (*peristyle*), em volta do qual eram construídos os aposentos da família. Nas cidades helenistas e romanas as classes mais pobres viviam em grandes blocos habitacionais para várias famílias, não muito diferentes dos atuais apartamentos. Nas cidades e aldeias o abrigo básico de um cômodo ainda era a morada normal da maioria da população.³⁶

No tempo de Cristo, as casas comuns eram constituídas de apenas um cômodo, com pouquíssimos mobiliários, e quase nenhum adorno. Todas as moradias, até mesmo as mais pobres, tinham uma escada externa que dava acesso ao telhado, que era plano. Grande parte das reuniões de família e atividades sociais era realizada no telhado ou no quintal. Era dali que se faziam as comunicações especiais, anunciadas em alta voz, e ouvidas em todo o bairro.³⁷ Era tão comum haver atividades nos telhados que a lei mosaica dispunha que se construíssem nele parapeitos³⁸, que geralmente eram gradeamentos de madeira. Coleman, em seu Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos, menciona que:

nas tardes quentes era muito comum as mulheres trabalharem no telhado – preparando pão, tecendo fazendas, fazendo a secagem do linho ou de frutas como o figo e tâmara, ou então “catando” cereais. Era ali também que se estendiam as roupas lavadas para secar.³⁹

³⁵ MACKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 152 –154.

³⁶ MACKENZIE, 1983, p. 154.

³⁷ Cf. Mt 10, 27; Lc 12, 3.

³⁸ Cf. Dt 22, 8.

³⁹ COLEMAN, 1991, p. 15.

Em alguns lugares, as casas eram ligadas uma às outras, como casas de parede-meia. E os telhados, unidos uns aos outros, formavam uma verdadeira passarela. Os rabis chamavam a isso “rua de telhados”, e muitas vezes o povo a utilizava mesmo como uma via de trânsito.

A maioria das casas tinha uma “aparência bem prática, sem muitas peças de mobília a atravancar o aposento”. Para as refeições, eles apenas estendiam no chão uma esteira ou pele. Mesas e cadeiras eram objetos de luxo, que só as famílias ricas possuíam.

[...] A quantidade de peças de mobília do aposento dependia das condições econômicas da família, bem como do gosto de cada uma.

Em algumas casas havia tapetes; em poucas encontrava-se um divã junto à parede. O vasilhame constava de tigelas, jarras e cântaros que eram colocados em pequenas muretas rentes à parede, e nos quais se guardavam alimentos, substâncias medicinais e outros suprimentos.

[...] Raras eram as casas que possuíam hortas e jardins; havia apenas o cultivo de algumas folhagens. A plantação de hortaliças para suprir a cidade de verduras era feita em terrenos nos arredores da cidade, do lado de fora dos muros, em extensas hortas.

Os judeus geralmente preparavam as refeições no quintal. As festas também eram realizadas ali. Nessas ocasiões, os familiares e amigos cantavam e dançavam alegremente ao som de seus instrumentos musicais, enquanto saboreavam alguma coisa.⁴⁰

Quando traduzirmos as expressões de Paulo, *oikos*⁴¹, *oikia*, com termos significativos para nós, "casa, lar, família", devemos ter o cuidado de não lermos nas afirmações de Paulo o significado que tais palavras portuguesas têm para nós. As palavras mudam a cada geração e, às vezes, com cada escritor. O que Paulo queria dizer por "igrejas em casas" depende da cultura helênica de seu tempo, com componentes tanto gentílicos como judaicos.

As duas palavras que Paulo usa, *oikos* e *oikia*, das quais temos em português o termo derivado: "economia", a grosso modo, significava o mesmo, ou seja, a família com suas pessoas e propriedades. O grego clássico manteve certa distinção entre estas duas palavras: *oikos* trazia à mente especialmente a ideia de riqueza, posses, ou um espaço físico, ao passo

⁴⁰ COLEMAN, 1991, p. 22-23.

⁴¹ “Usou-se no Novo Testamento o termo *oikos* em sua conotação greco-romana para se referir à igreja como sociedade estruturada à maneira de uma casa. A forma de comportar-se em uma deveria ser igual que à forma de comportar-se na outra, como se expressa claramente em 1Tm 3,4. A única virtude que o autor de 1Tm vê é também a submissão.” Cf. em: ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2008. 2ª ed. p. 76.

que *oikia* sugeria mais os parentes, serviçais, ou mesmo clientes de uma família. Ambas as palavras eram usadas para a moradia, a família ou a parentela.

O grego de Paulo, porém, mostra muito mais afinidade com o grego da Setenta, a tradução grega do Antigo Testamento hebraico e aramaico do século II antes de Cristo, feita para os judeus de fala grega, como o próprio Paulo. Os tradutores da Setenta traduziram como *oikos/oikia* a palavra hebraica “*bai*”, que às vezes significava um aposento num edifício⁴², a família inteira, incluindo o pai⁴³, a mulher, a concubina, os filhos, filhas⁴⁴, empregados dependentes⁴⁵, serviçais⁴⁶, atendentes⁴⁷ e escravos⁴⁸, parentes que formavam um grupo entre a família imediata e a tribo⁴⁹; junto com as posses da família, incluindo riquezas, ferramentas, escravos e o gado⁵⁰. Sem nenhuma distinção aparente, esses tradutores escolheram tanto “*oikos*” como “*oikia*” para expressar o amplo conceito de “*bati*”. A única diferença percebida entre as duas palavras gregas é a frequência maior do uso da palavra *oikos* em relação à palavra *oikia*.

Consideradas as raízes helênicas ou judaicas, o conceito de “*oikos*” é consideravelmente mais abrangente do que nosso conceito de “família”. Também o termo “casa” em nosso vocabulário não faz justiça à extensão do conceito judaico-helênico. Um comentário de Cícero sobre uma hierarquia de deveres reflete a sua compreensão sobre “família”. “Nossos deveres, (de acordo com o orador romano e poeta), começam com nosso país, e então com nossos pais, depois vêm às crianças e a família toda (*domus*); quem procura somente por nós por ajuda e não pode ter nenhuma outra proteção; finalmente, nossos parentes”. Além de uma família imediata, Cícero tem em mente parentes independentes,

⁴²Cf. Est 2, 3.7, 8.

⁴³ Cf. Gn 50, 8; 1Sm 1, 21.

⁴⁴ Cf. Gn 36, 60.

⁴⁵ Cf. Gn 13, 1.

⁴⁶ Cf. Gn 15, 2-3.

⁴⁷ Cf. Gn 14, 14.

⁴⁸ Cf. Gn 17, 13-27.

⁴⁹ Cf. 2Sm 9, 7.

⁵⁰ Cf. Ex 20, 17; Est 8, 1.

escravos, homens livres, trabalhadores contratados, às vezes inquilinos, sócios em negócios e clientes. Cícero define a *domus* ou família através de um relacionamento de dependência, não de parentesco. De fato, a família era constituída pelas relações recíprocas de proteção e subordinação. No topo da pirâmide estava o pai da família, ou outro "cabeça da família", cujo poder estendia-se ao ponto de ter poder de vida ou morte sobre uma criança. Embaixo da estrutura estava o escravo, que, porém, podia exercer considerável responsabilidade em seus deveres de família. Suportando essa autoridade estava a subordinação dos membros da família, que por meio dessa subordinação desfrutavam de um sentimento de parentesco e segurança, não fornecidos em nenhuma outra estrutura social ou política de qualquer tempo.

1.4 A casa e a religião no mundo greco-romano

Segundo Arens⁵¹, a casa greco-romana estava estruturada e regia-se praticamente da mesma maneira que a sociedade. A casa era formada pela família e por todos os que viviam nela, inclusive os escravos. A estrutura familiar era claramente patriarcal: o *pater familias* era a autoridade máxima, e todos os membros da casa ocupavam seu lugar em relação a ele⁵². Os escravos não costumavam contar com moradias privadas, mas acomodavam-se em qualquer beco, num quarto de trabalho, ou vários compartilhavam juntos de quarto que lhes era próprio.

Segundo A. G. McKay⁵³, em seu estudo sobre as condições habitacionais das grandes cidades romanas que ficaram integralmente a descoberto, Óstia, Pompéia e Herculano, constatou que o número de residências privadas era proporcionalmente pequeno: do total da população, menos de dez por cento vivia em *domi* ou casas cômodas, uma grande

⁵¹ ARENS, 2008, p. 76.

⁵² ARENS, 2008, p. 76.

⁵³ MCKAY, A. K. **Houses, Villas and Palaces:** in the Roman World Londres, 1975.

porcentagem vivia em *insulae* ou complexos habitacionais, ou se instalava em quartos no fundo da oficina onde se trabalhava. Cerca de 20% era demasiado pobre para ter lugar protegido, fixo e seguro onde dormir.

A religião era parte normal da família helênica, antes mesmo de os cristãos se reunirem em casas particulares⁵⁴. O culto doméstico era expressão clara da religiosidade no lar. Esses cultos ocorriam na privacidade dos lares. Nos cultos romanos, o pai de família era o cabeça do culto, sem nenhuma confirmação externa.

A ocasião para o exercício desses cultos domésticos eram geralmente os dias especiais na vida das famílias — aniversários, casamentos, mortes, rituais para iniciações em determinadas idades e em memória dos mortos. Também se brindava em alusão aos deuses domésticos, no final das refeições ou de um simpósio.

No mundo greco-romano os cultos domésticos eram tão importantes quanto os públicos. Toda casa de grego ou de romano abrigava um altar; sobre ele devia haver sempre cinza e brasas, pois o dono da casa respondia pelo dever de não deixar apagar o fogo sagrado.⁵⁵ O fogo sagrado era chamado de *lar*, pois representava a divindade da família.⁵⁶ Cada família tinha o seu *lar*, que protegia apenas os membros dessa família em particular.⁵⁷

Sobre as regras e rituais Coulanges escreve que:

Para esta religião doméstica não existiam nem regras uniformes, nem ritual comum. Cada família gozava a esse respeito da mais completa independência. Nenhum poder estranho tinha o direito de estabelecer regras para o seu culto ou de firmar normas para a sua crença. Não existia outro sacerdote mais do que o pai, e este como sacerdote não conhecia superior hierárquico. O pontífice de Roma ou o arconte de Atenas podiam certificar-se se o pai de família cumpria com todos os seus ritos religiosos, mas não tinham o direito de lhe ordenarem a mais ligeira alteração nas suas leis domésticas de religião. [...] Cada família tinha as suas cerimônias, que lhe eram próprias, e do mesmo modo as suas festas particulares, as suas fórmulas de orações e os seus hinos. Só o pai, único intérprete e único pontífice da sua religião, é

⁵⁴ BRANICK, Vicente. **A igreja doméstica nos escritos de Paulo**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 43.

⁵⁵ COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. p. 26.

⁵⁶ COULANGES, 2002, p. 26.

⁵⁷ STRÖHER, Marga Janete. **Casa igualitária e casa patriarcal** – espaço e perspectivas diferentes de vivência cristã. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998. p. 27.

que tinha o poder de ensiná-la, e somente a seu filho, e ninguém mais podia ser instruído nas regras da sua religião caseira. Os ritos, as palavras próprias da oração, os cantos, tudo isso preenchendo a parte essencial desta religião doméstica, era patrimônio, propriedade sagrada que a família com ninguém partilhava, sendo até mesmo proibido revela-los a estranhos. [...] Nesta ordem, a religião não se manifestava nos templos, mas em casa; cada qual possuía os seus deuses; cada deus não protegia mais de uma família e não era deus em mais de uma só casa. (...) a mulher só participava nesse culto por intervenção de seu pai ou de seu marido e, depois da morte, não recebia a mesma parte que o homem no culto e nas cerimônias do repasto fúnebre.⁵⁸

Em cada casa havia um altar onde a família se reunia para prestar cultos aos deuses.

Cícero descreve a santidade desses lares em termos desses cultos familiares:

O que é mais santo, o que se faz de mais seguro por qualquer religião do que a casa de cada cidadão? Aí estão os altares; aí a lareira, aí os deuses domésticos, aí o sagrado, o religioso, junto com as cerimônias. Este refúgio é, assim, tão sagrado para todos, que ninguém tem o direito de profaná-lo.⁵⁹

O cristianismo primitivo se desenvolveu através da “Igreja em sua casa”⁶⁰ e da atividade missionária de homens e mulheres que propagavam a fé cristã através das cidades do mundo greco-romano. A Igreja doméstica foi um fator decisivo para a implementação do cristianismo, visto que tornava possível a vida comunitária: era plataforma missionária, lugar de acolhida para os pregadores itinerantes e suporte econômico do movimento cristão. Além disso, oferecia um espaço para a pregação da palavra, para o culto, para a participação na mesa eucarística e para as relações sociais. Sua existência prova que alguns cidadãos abastados se uniram ao movimento cristão, oferecendo espaço e recursos financeiros. Na maioria das vezes, a conversão do *pater familias*, por sua autoridade, era acompanhada da de todos os componentes de sua casa.

⁵⁸ COULANGES, 2002, p. 41-42.

⁵⁹ *De Domo Sua*, 41, 104, in: BRANICK, 1994, p. 43.

⁶⁰ Cf. Rm 16, 5; At 18, 2-4. 18. 26.

2 A CASA E JESUS NA GALILÉIA

O teólogo Eduard Schillebeeckx⁶¹ afirma que para Jesus, “o Reino encontra-se onde a vida humana se torna ‘realizada’, onde se cumpre a ‘salvação’ dos homens e das mulheres, onde a justiça e o amor começam a prevalecer e as condições escravagistas terminam. Jesus descreve a realidade do Reino de Deus como participação comum em um banquete festivo e esplêndido, do qual podem participar os estropiados e os deficientes, os pobres e os marginalizados”. A comprovação bíblica para tais afirmações pode ser encontrada a partir do próprio nascimento de Jesus que, despojando de sua condição divina fez-se um de nós, totalmente desprovido de poder e glória.⁶²

2.1 Longe de sua casa

O nascimento de Jesus “é situado em Belém, aldeia natal de Davi, a oito quilômetros ao sul de Jerusalém”⁶³ e sua criação é “em Nazaré, uma aldeia camponesa do interior da

⁶¹ SCHILLEBEECKX, Eduard. **Por uma Igreja mais humana**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. p. 31-32.

⁶² Cf. Lc 1, 26-38. 2, 7-8; Fl 2, 6-11.

⁶³ GASS, Ildo Bohn. **Curso de Bíblia por correspondência**. Vida e pregação de Jesus. Segundo Testamento. Módulo 9. São Leopoldo: CEBI, 2003. p. 8.

Galiléia”⁶⁴. Um casal, José e Maria, deixam sua aldeia na Galiléia e fazem uma viagem até Belém. Mesmo estando no final da gravidez, Maria faz uma viagem de mais de 100 quilômetros para obedecer às ordens do imperador. Longe de sua casa, de suas irmãs e suas amigas, na solidão e no desconforto de um lugar estranho, ela dá à luz o seu primeiro filho. Ele nasce ignorado, abandonado pelo próprio povo, pois só aparecem pastores⁶⁵ para visitá-lo. Nasce fraco e marginalizado, fora de casa, vítima do sistema impessoal do império romano, cujo censo só visava garantir a cobrança dos impostos⁶⁶. Muito provavelmente, nasce filho de migrantes, de gente que, no século anterior, teve de sair da Judéia no Sul para a Galiléia no Norte. José não era de Nazaré, mas sim de Belém na Judéia⁶⁷.

Dos 33 anos de sua existência, Jesus viveu 30 em casa. A infância de Jesus é marcada pela violência. É um dos períodos mais violentos da história da Palestina. Jesus vive e cresce integrado na comunidade. Foi o que o salvou e o fez crescer em sabedoria, tamanho e idade diante de Deus e dos homens⁶⁸. Aos 12 anos, ele se torna membro pleno dentro da comunidade e começa a participar das romarias⁶⁹. Os anos de pregação, ele os viveu como missionário itinerante, viajando de um vilarejo para outro. Acompanhavam-no várias pessoas, homens e mulheres. E é de supor que ele e seu grupo se hospedassem em casas de amigos. Quando enviou seus discípulos em missão, Jesus aconselhou-os a ficarem nas casas que os acolhessem até saírem do lugar. A quem renuncia a casa e à família para segui-lo, ele promete que “vai receber cem vezes mais agora, no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições, e no mundo futuro a vida eterna”⁷⁰. E apresenta Deus como o Pai em cuja casa “há muitas moradas”.

⁶⁴ GASS. 2003. p. 9.

⁶⁵ Cf. Lc 2, 16.

⁶⁶ Cf. Lc 2, 1-3.

⁶⁷ Cf. Lc 2, 4.

⁶⁸ Cf. Lc 2, 52.

⁶⁹ Cf. Lc 2, 41.

⁷⁰ Cf. Mc 10, 30.

2.2 Na casa de José e Maria

Na casa de José e Maria, Jesus aprendeu uma espiritualidade, uma teologia que vem desde o tribalismo e que coloca a misericórdia acima das leis, a solidariedade acima do sacrifício, a vida mais que o templo, as leis e os rituais. Foi na casa, e talvez também nas sinagogas da Galiléia, que Jesus aprendeu a espiritualidade tribal e profética:

[...] Jesus aprendeu a religião de seu povo, o ritmo diário da vida, bem como as lidas da roça e o trabalho artesanal de carpinteiro (Mc 6,3). O segundo espaço de formação foi na sinagoga da aldeia. Junto com sua família, ali se reunia com a comunidade semanalmente para orar, para escutar a Palavra e para falar sobre os problemas da comunidade. Em sua casa e na sinagoga, aprendeu a olhar a história do povo com profunda fé na presença do Deus libertador e doador de vida com liberdade.⁷¹

Na Galiléia do tempo de Jesus, por causa do sistema implantado pela política helenista do governo de Herodes Antipas (4 a.C a 39 d.C), a organização da sociedade passou a ter seu centro na cidade, no comércio, visando sempre mais o lucro. O Império defendia a posse individual da terra, o latifúndio, o trabalho escravo e a comercialização dos produtos da terra visando acumular riquezas. A mentalidade individualista da ideologia helenista, o desemprego crescente, os impostos ao governo e ao Templo, as dívidas contraídas de muitos, a obrigação de acolher os soldados e dar-lhes hospedagem, as freqüentes ameaças de repressão violenta por parte dos romanos, os problemas cada vez maiores de sobrevivência, tudo isso levava muitas famílias a se fecharem dentro das suas próprias necessidades e a não mais atender às exigências do clã. O clã estava enfraquecendo. Já não conseguia realizar o seu objetivo. Na prática, ele deixou de existir como fator de união e de defesa das pessoas e das famílias. Em caso de doença, pragas, má colheita ou outros desastres, as famílias e os indivíduos ficavam sem ajuda. Muitas famílias, agora desprotegidas, deixaram de ser um

⁷¹ GASS, 2003, p. 9.

lugar de acolhimento e de partilha e tornaram-se fator de exclusão e de marginalização dos mais fracos. A única segurança dos pobres era o clã. E era exatamente esta segurança que estava desmoronando.

Para o futuro, para os tempos do Messias, antes da vinda do grande Dia de Javé, o povo esperava que o profeta Elias viesse “reconduzir o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais”⁷² e, assim, “restabelecer as tribos de Jacó”⁷³. Esperavam que o clã fosse reconstruído. Sem a reconstrução da casa, do clã, da comunidade, o povo estaria ameaçado de desintegração total⁷⁴. Com a vinda de João Batista a esperança começa a realizar-se⁷⁵.

A pressão econômica levava ao enfraquecimento da solidariedade entre as famílias. Causada pela política do Governo, era reforçada pela ideologia religiosa. O peso do Templo e da lei contribuía para enfraquecer a força integradora do clã. A observância das normas de pureza e a preocupação com a genealogia eram fatores de marginalização e de exclusão para muita gente: mulheres, crianças, samaritanos, estrangeiros, leprosos, possessos, publicanos, doentes, mutilados, paraplégicos. Assim, tanto a conjuntura política e econômica como a ideologia religiosa, tudo conspirava para a desintegração da família, da “casa”, do clã, da solidariedade, para deixar sem força a comunidade local e, portanto, para impedir a manifestação do Reino.

⁷² Cf. Mt 3, 24.

⁷³ Cf. Eclo 48, 10.

⁷⁴ GASS, 2003, p. 9.

⁷⁵ Cf. Lc 1, 17.

2.3 Templo e casa

O Templo era o “lugar da presença divina e centro da identidade nacional e religiosa para o judaísmo do período helenístico-romano”⁷⁶. Sendo um lugar de tamanha importância religiosa, o templo funcionava também como centro político e econômico e era cobiçado por todos os grupos religiosos na época de Jesus. Cada grupo esperava o Messias a seu modo, mas esperava também que lhes desse o templo. Por isso havia também o medo da classe sacerdotal de que uma revolta aberta contra o poder romano acarretasse a destruição do templo⁷⁷.

Segundo Luiz⁷⁸, nos dias de Jesus, o Templo da cidade santa não tinha perdido a importância que desde sempre lhe fora atribuída na história de Israel. Quem se dirigia a Jerusalém, podia vê-lo de longe, por sua posição elevada, assemelhando-se, à distância, a uma esplêndida colina de neve.

“Como todo judeu piedoso, Jesus também tinha um sentimento de apreço pelo Templo. Terá se dirigido para lá pelo menos algumas vezes, por ocasião das festas de peregrinação”⁷⁹. O Evangelho de Lucas⁸⁰ relata que “os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém” e que durante uma das viagens Jesus se separou da família e foi encontrado, “três dias depois”, “no Templo”, “sentado no meio dos doutores, escutando e fazendo perguntas”. Mesmo se fazendo presente no Templo, Jesus não se deixou contaminar pela “ideologia do Templo”:

Jesus não deu ao Templo a importância que o judaísmo oficial lhe dava. Preferiu a casa em vez do Templo. No lugar do altar, escolheu a mesa. E em vez do sacerdócio, optou pela família, pela comunidade. Jesus percebeu que o Templo havia sido transformado em idolatria. A maioria das elites já não praticava o culto verdadeiro ao Deus da vida. Mas o que ditava todo o funcionamento do Templo eram seus interesses econômicos. O culto do Templo

⁷⁶ STEGEMANN, Ekkehard W. et al. **História social do proto cristianismo**. Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 166.

⁷⁷ Cf. Jo 11, 47-48.

⁷⁸ LOHSE, 2000, p. 139.

⁷⁹ GASS, 2003, p. 34.

⁸⁰ Cf. Lc 2, 41-51.

girava em torno do comércio. Já não estava mais, em primeiro lugar, para o culto a Deus, mas para o ídolo dinheiro. [...] Jesus denuncia a pior das formas de idolatria, que é colocar o Deus da vida a serviço da opressão econômica e política. Jesus tinha claro que *“a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro”* (1Tm 6,10). Por isso, denuncia o Templo como instituição que não produz frutos de vida para o seu povo, tal como a figueira estéril (Mc 11,12-14). Desmascara o sistema idolátrico propondo eliminar a idolatria do Templo.

Jesus não esperou por um Templo totalmente purificado da idolatria para somente nele vivenciar a verdadeira religião. [...] Jesus oferece o perdão gratuitamente aos pobres e marginalizados, sem a intervenção dos sacerdotes, os intermediários oficiais e longe do Templo de Jerusalém, na periferia (Mc 2,1-12.15-17; Lc 7,47-50). Perdoando as pessoas, mostrava um Deus que acolhia sem preconceitos. Tirava das consciências o peso da culpa imposto pelo sistema do Templo. Jesus insiste também na necessidade do perdão fraterno, inclusive como condição para receber o perdão de Deus (Mc 11,25; Lc 6,27-38; 11,4; 15,4-10). Inaugura uma nova relação entre as criaturas com o seu criador, permitindo o acesso direto. [...] Jesus procura resgatar a religião da gratuidade, que revela a compaixão de Deus, que coloca a vida acima de qualquer outra instituição ou lei. Dessa forma, Jesus liberta Deus aprisionado no Templo pela religião oficial, “rompendo de alto a baixo” a cortina que impedia o acesso direto a Deus (Mc 15,38; Mt 27,51). Desmascara a instituição mais importante em Israel, o Templo e todo o sistema que estava estruturado em seu redor, o sinédrio e o exercício da justiça, a religião com seus sacerdotes e ritos, o comércio. A proposta de Jesus é eliminar o ídolo dinheiro, para transformar a religião em gratuidade.⁸¹

Jesus rompe com a lógica do Templo e o substitui pela casa. Rompe também com a lógica do altar de sacrifícios da oferenda de carnes sobre o altar, substituindo-as pelo vinho e pelo pão partilhados. Para ele, é a mesa o lugar do encontro, da partilha da comida, dos bens, da casa, da fé, da vida. Na casa do Pai o pão é partilhado com todos. A Casa de Deus não podia reproduzir a casa de César. Nessa perspectiva, o Templo passa a ser uma casa de oração, lugar da convivência e da proximidade para todos os povos e deixa de ser um centro de exploração econômica e ideológica.

Jesus percebeu que os principais inimigos do Reino eram o Templo e uma parte das sinagogas mais influenciadas pela teologia e espiritualidade do Templo. A partir dessa percepção, Jesus foi diretamente às causas que impediam a manifestação do Reino. Sua estratégia foi criar consciência nas pessoas, desmistificando a religião e seus responsáveis. Ajudou as pessoas a compreender como o Templo estava sendo usado para manipular a consciência do povo. Tinha claro que não podia mudar a estrutura imperial, mas sabia que podia mudar as relações a partir de si, em seu entorno.

⁸¹ GASS, 2003, p. 34 – 41.

Uma das primeiras coisas que Jesus fez foi organizar uma comunidade para trabalhar com ele, baseada em novas relações. Não mais de discriminação e exclusão, mas de irmandade e serviço. Escolheu pessoas que eram consideradas pecadoras, como pescadores⁸² e cobradores de impostos⁸³. Seu grupo era constituído de gente pobre. Eram pessoas simples e não muito apegadas às leis, pelo menos em seus detalhes. Jesus trabalha em equipe⁸⁴. Promove, portanto, um poder participativo, partilhado, de modo que cada pessoa desenvolva sua cidadania. A quem se coloca sob a sua liderança propõe um poder que serve, capaz mesmo de dar a própria vida pelo povo.

Depois de ter passado pelas provações no deserto, Jesus volta para sua aldeia, sua casa, sua família e, na sinagoga de Nazaré, lendo e interpretando uma passagem de Isaías, anuncia seu programa libertador⁸⁵ e nos deixa um recado: quem busca mudar o mundo deve começar pela sua casa, pela sua rua, com seus parentes e vizinhos. Para que apareça o rosto de Deus se faz necessária uma reconciliação dentro de casa, voltar às origens, ao projeto original do povo de Deus. Enfim, a casa é o lugar da evangelização e celebração. Na casa de Marta Jesus revela os segredos do Reino de Deus⁸⁶. Numa casa também celebrou a última ceia⁸⁷ e apareceu aos Onze⁸⁸

⁸² Cf. Lc 5, 10.

⁸³ Cf. Lc 5, 27.

⁸⁴ Cf. Lc 6, 12-16.

⁸⁵ Cf. Lc 4, 14-30.

⁸⁶ Cf. Lc 10, 38-42.

⁸⁷ Cf. Lc 22, 14-20.

⁸⁸ Cf. Lc 24, 36-43.

3 A CASA NO EVANGELHO DE LUCAS

Quando abrimos o evangelho segundo Lucas não podemos esquecer de algo que o torna muito especial, diferente dos demais evangelhos. Ele é a primeira parte de uma obra maior, que se completa com os Atos dos Apóstolos. Segundo Rius-Camps, o Evangelho de Lucas e o livro Atos dos Apóstolos

não constituem duas obras independentes, destinadas a coligir dados sobre Jesus (o Evangelho) e sobre a igreja primitiva (Atos), na forma de uma crônica de fatos ditos de personagens importantes, mas uma obra dupla (só recentemente se começou a falar nos meios exegéticos da “dupla obra de Lucas”) destinada à edificação da comunidade crente, escrita na forma de díptico: dois livros formando um só volume. [...] A repetição dos mesmos temas no fim do Evangelho (Lc 24) e no começo dos Atos (At 1,3-14) liga os dois livros. O prólogo do Evangelho é válido para ambos, como demonstra o fato de que no início do segundo livro se faça referência aos conteúdos do “primeiro livro”, referentes aos “fatos e ditos de Jesus” e à “missão” encomendada por ele aos apóstolos, ao mesmo tempo que se repete o nome de “Teófilo” como destinatário único da obra.⁸⁹

Lucas e Atos tem como destinatários às comunidades paulinas da segunda geração, espalhadas especialmente pela Grécia, Macedônia e Ásia Menor. Um dos elementos que nos fazem ver as comunidades helenistas como as destinatárias é o fato de Lucas insistir no universalismo da missão de Jesus. Outro aspecto é a insistência em falar da cidade. Cerca de 40 vezes Lucas faz referência a ela⁹⁰. Os destinatários, portanto, são comunidades urbanas, onde há ricos e pobres de várias culturas.

⁸⁹ RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas**: o êxodo do homem livre. São Paulo: Paulus, 1995. p. 9.

⁹⁰ Cf. Lc 1, 26.39; 2, 3. 4. 11. 39; 4, 29. 31. 43.

O Evangelho de Lucas quer trazer luzes sobre dois problemas fundamentais, consequência da diversidade de classe e de cultura. Por um lado, quer confirmar a abertura da Boa Nova a todos os povos, preservando a memória de Paulo. Sabemos que Paulo provocou, em sua missão, muitas controvérsias e conflitos no interior das comunidades cristãs que nasceram por causa de suas propostas e sua liberdade de ação. Ele foi o responsável por uma série de mudanças nos rumos do movimento cristão, levando-o para além das fronteiras do mundo judeu⁹¹. Por outro lado quer questionar as comunidades que reproduzem as relações de opressão da sociedade escravocrata que legitimava a divisão entre ricos e pobres. O evangelho apresenta vários textos em que aparece um grande contraste entre as condições de vida dos ricos e a miséria dos pobres. A parábola do rico e do pobre Lázaro, narrada por Lucas, ajuda a perceber o contraste entre casas luxuosas e casas pobres⁹².

Ao lermos a obra da comunidade de Lucas percebemos que o evangelho foi escrito tendo em vista a vida da comunidade. Ele é uma espécie de retrato da comunidade, mas ao mesmo tempo indica os caminhos que ela deve trilhar para dar um testemunho adequado de Jesus. O Evangelho tem a finalidade de fortalecer a fé de quem já pertence à comunidade. Um evangelho escrito para pagãos, como é Lucas, tinha de trazer “Boa Notícia” válida para todos os povos; uma compreensão do mundo como Casa de Deus e um recado ecumênico:

Sejam misericordiosos como também o Pai de vocês é misericordioso. Não julguem, e vocês não serão julgados; não condenem, e não serão condenados; perdoem, e serão perdoados. Dêem, e será dado a vocês; colocarão nos braços de vocês uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante...⁹³

Segundo Gallazzi,

Todo evangelho foi escrito com o objetivo de anunciar o que significa ser “testemunha do Cristo ressuscitado”. Cada comunidade, nas diversas circunstâncias e diante das diversas problemáticas por ela vividas, procurou descobrir, a partir da memória viva de Jesus, o significado concreto deste testemunho. É por isso que o

⁹¹ Cf. Gl 2; 1Cor 9; 2Cor 10-13.

⁹² Cf. Lc 16, 19-31.

⁹³ Cf. Lc 6, 36-38.

último capítulo das narrativas evangélicas, o que fala de Jesus vivo que se encontra com as discípulas e os discípulos, é aquele que melhor nos ajuda a compreender qual o centro do testemunho que a comunidade quer vivenciar com sua fé.⁹⁴

Para a comunidade de Lucas, Jesus enche as casas de vida nova. O Reino de Deus, pleno na pessoa de Jesus, tem força de virar ponta à cabeça as regras sociais que não estejam a serviço da vida, da fraternidade, da solidariedade. Além de desmontar a falsidade da sinagoga, Jesus também mudou o jeito de se relacionar nas casas, no cotidiano do povo. Em Jesus, as comunidades tinham um referencial para saber como Deus quer administrar a sua casa, sua criação.⁹⁵

No Evangelho da Infância⁹⁶ a casa ocupa um lugar central. É em casa que acontecem as coisas mais importantes, como a visitação do anjo⁹⁷ a Maria e o nascimento de João Batista, que contrasta com o de Jesus que nasce no caminho, à procura de uma casa. A concepção de João é anunciada no Templo⁹⁸, a de Jesus em casa⁹⁹. Curiosamente, o “sacerdote” é castigado por falta de fé e a jovem é saudada pelo enviado de Deus.

É também numa casa, nas montanhas de Judá, que Maria passa três meses com sua parenta Isabel. Já na chegada, “o menino estremece no ventre de Isabel”, arrancando da mãe um grito de louvor: “Bendita és tu e bendito é o fruto do teu ventre”. Maria responde, fazendo memória de Ana, mãe de Samuel: “Minha alma engrandece o Senhor...”¹⁰⁰. Esta cena não acontece no Templo ou em algum outro lugar especial. Acontece numa casa, perdida no meio das montanhas¹⁰¹. A Boa Nova de Deus revela a sua presença numa das coisas mais comuns da vida humana: duas donas de casa se visitando para se ajudar. Visita, alegria, gravidez,

⁹⁴ GALLAZZI, Sandro. **Eu estou no meio de vocês como aquele que serve à mesa!** (Lc 22,27). Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Petrópolis: Vozes, nº 44, 2003. p. 123-137.

⁹⁵ RICHTER REIMER, Ivoni (org.) **Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006. p. 73.

⁹⁶ Cf. Lc 1, 5-2, 52.

⁹⁷ RIUS-CAMPS, 1995, p. 24: “O anjo ‘entra’ na casa onde se encontra Maria (no Santuário do templo não entrou, mas ‘apareceu de pé à direita do altar do incenso’) e a saúda.”

⁹⁸ Cf. Lc 1, 5-25.

⁹⁹ Cf. Lc 1, 26-38.

¹⁰⁰ Cf. Lc 1, 46ss; 1Sm 2, 1-10.

¹⁰¹ Cf. Lc 1, 39.

criança, ajuda mútua, casa, família: É nisto que Lucas quer que as comunidades percebam e descubram a presença do Reino.

Maria esquece-se de si mesma e vai com presteza ajudar sua parenta, tomando o caminho mais breve, o que atravessava os monte da Samaria. Lucas frisa a prontidão para o serviço: o Israel fiel (Nazaré da Galiléia) que vive fora da influência da capital e vai em ajuda do judaísmo oficial (Isabel: “Judá”, nome da tribo em cujo território estava Jerusalém). Da mesma forma que o anjo “entrou” na sua casa e a “saudou” com a saudação divina, Maria “entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel”. De mulher para mulher, de mulher grávida para mulher grávida, da que será mãe de Deus para a que será mãe do Precursor.¹⁰²

João Batista nasce em casa, no conforto, na alegria e assistência dos parentes e vizinhos¹⁰³ e Jesus nasce desconhecido, fora da sua terra, no meio dos pobres, fora do ambiente da família e da vizinhança, na incerteza da viagem a uma cidade de Judá, na dificuldade de encontrar um lugar, surpreendidos com a alegria de pastores desconhecidos.¹⁰⁴ O nascimento de Jesus passa inadvertido a todos, em contraste com o nascimento de João.¹⁰⁵

3.1 Casa – lugar da cura

O programa de Jesus, guiado pelo Espírito de amor e misericórdia, quer a libertação do homem de tudo que o torna escravo, começando pelo perdão do pecado que simboliza a raiz de todos os males, e de suas conseqüências: “a miséria, a opressão, a doença e a morte”. Apresenta uma libertação completa, holística e universal para todas as pessoas.¹⁰⁶

A proposta de Jesus para o homem era uma cura completa, uma cura libertadora, não só do corpo, mas psicológica, social, política e espiritual. Libertação também das tradições

¹⁰² RIUS-CAMPS, 1995, p. 32.

¹⁰³ Cf. Lc 1, 57-80.

¹⁰⁴ Cf. Lc 2, 1-20.

¹⁰⁵ RIUS-CAMPS, 1995, p. 45.

¹⁰⁶ VENDRAME, Calisto. **A cura dos doentes na bíblia**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 54-55.

religiosas, às vezes desumanas que prendiam a pessoa, deixando-a sem alternativa. Sobre isso, afirma Richter Reimer: “A cura é uma experiência libertadora, ela é vital e ardentemente desejada”.¹⁰⁷

Jesus curou utilizando toda simbologia como: o toque, a imposição de mãos, a água, a terra, o poder da sua palavra, e também outorgou poder aos seus discípulos para curar e expulsar os demônios (Mc 16, 15-18). Ele curou toda sorte de enfermidades, como registram os evangelhos. “*Therapéuein* encontra-se 43 vezes nos sinóticos e nos Atos, sempre no sentido de curar [...]. Em todas as outras passagens esse verbo exprime a cura obtida pela fé e pela oração em virtude da *dynamis* presente em Cristo”.¹⁰⁸

A saúde de uma pessoa é sustentada por ela e pela comunidade, ou seja, pelo sentido que sua comunidade tem e lhe transmite, e pelo que ela sente em relação a esta comunidade. Este sentido está ligado a “família, colegas, amigos e comunidade”, como um todo, “que recebe a contribuição da atividade e generosidade da pessoa”, como também lhe transmite¹⁰⁹.

Em nossos hábitos ocidentais, dizemos que “quem casa quer casa”, uma vez que a palavra “casa” também se relaciona à família. Do grego *oikos*, esta e as demais palavras correlatas são traduzidas para o português por casa, moradia, habitar, habitação, viver em, e membro da família, conforme Taylor¹¹⁰ alega que a própria palavra *oikos* também pode ser aplicada aos que moram na casa, a família. Mas a palavra *oikos* pode ser traduzida também por templo, casa dos cultos. Esta palavra parecida com a correlata do hebraico traz em seu bojo o sentido de família e outros conceitos semelhantes, em conexão com o sentido da palavra “casa” propriamente dita. Em ambos os Testamentos o sentido primitivo se aplica à casa terrestre, ao templo, e não a pessoas que adoram ou a pessoas que moram na edificação.

¹⁰⁷ RICHTER REIMER, Ivoni. **Cura e salvação**: experiência na construção da vida em suas múltiplas relações. Fragmentos de Cultura. Goiânia: v. 12, n. 6. p. 123-153. nov/dez., 2002. p. 123.

¹⁰⁸ VENDRAME, 2001, p. 67.

¹⁰⁹ PHILIBERT, Paul. **Mudança no sentido de saúde e assistência à saúde**: uma perspectiva do primeiro mundo. Petrópolis: Concilium. v. 5. n. 278, p. 9, 1998.

¹¹⁰ TAYLOR, W. C. **A Epístola de Gálatas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1954. p. 78.

Jesus também vai à casa de Simão Pedro. Lucas diz que a sogra dele estava com muita febre. A doença era compreendida como uma forma maligna da atuação das forças demoníacas. Jesus ameaçou a febre e esta a deixou; e levantando-se imediatamente, ela se pôs a servi-los, dando início ao que será a tônica do grupo de Jesus: espírito de serviço.¹¹¹ As curas efetuadas por Jesus e seus discípulos eram abrangentes. “A pessoa curada é pessoa liberta, em condições de viver em plenitude sua vida e realizar sua missão”.¹¹²

Pelo terraço, como não conseguem entrar pela porta, e tirando as telhas, desceram, numa cama, um homem paralisado pela ideologia religiosa¹¹³, a qual considerava que toda doença era causada por demônios ou pelos pecados. Segundo Rius-Camp¹¹⁴, a “casa”, onde Jesus está ensinando, é a casa de Israel, que fecha a passagem, pelo exclusivismo judaico, à entrada dos pagãos. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse: “Homem, seus pecados estão perdoados”.¹¹⁵ Jesus não cura a paralisia. Em vez disso, diz: “Homem, seus pecados estão perdoados”. “A fé dos homens livres em Jesus torna possível que o homem imobilizado por seu passado recupere a condição de homem livre.”¹¹⁶

Pode-se observar entre o povo de Israel, desde os tempos primórdios que o conceito de doença sempre esteve ligado ao pecado e à impureza. Os termos “possessão de demônio” ou “espírito de enfermidade” possivelmente foram absorvidos de crenças e costumes da cultura dos povos que os dominaram.

No Antigo Testamento, as pessoas aparecem como “afetadas por enfermidades” em suas múltiplas formas que poderiam indicar “fraqueza, mal estar, úlceras feridas” e às vezes mencionadas de forma que não se pode identificar a patologia¹¹⁷. Muitas são traduzidas como manifestação do mal. Naturalmente a imprecisão na identificação revelava o desconhecimento

¹¹¹ RIUS-CAMPS, 1995, p. 76.

¹¹² SCHIAVO, Luis; SILVA, Valmor da. **Jesus milagreiro e exorcista**. São Paulo: Paulinas. 2000. p. 108.

¹¹³ Cf. Lc 5, 17-19.

¹¹⁴ RIUS-CAMPS, 1995, p. 86.

¹¹⁵ Cf. Lc 5, 20.

¹¹⁶ RIUS-CAMPS, 1995, p. 86.

¹¹⁷ CABRAL, Álvaro. **Dicionário de psicologia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. p. 280.

da anatomia humana. A nomenclatura não importava tanto, porém a origem se atribuía: castigo pelo pecado.¹¹⁸

Perdoando os pecados, Jesus estava curando o mal pela raiz, eliminando a causa e não simplesmente os sintomas. Mas segundo as Escrituras, somente Deus podia perdoar.¹¹⁹ Jesus percebe o que os doutores da Lei e os fariseus estavam pensando e desafia: O que é mais fácil: perdoar os pecados ou curar? Em seguida Jesus ordena ao paraplético que “se levante, pegue a sua cama e vá para a sua casa”.¹²⁰ Jesus não o mandou apresentar-se ao sacerdote no Templo, mas para sua casa. No mesmo instante ele pegou o que lhe servia de cama e partiu para a sua casa glorificando a Deus.¹²¹ Jesus cura a causa e o sintoma, liberta por dentro e por fora, no espírito e no corpo. E faz isso de graça, ao passo que naquele tempo o perdão dos pecados era conseguido no Templo em troca de ofertas e sacrifícios. A fé dos homens livres em Jesus torna possível que o homem imobilizado por seu passado recupere a condição de homem livre.¹²²

“Senhor, não sou digno de que entres em minha casa”¹²³, diz o centurião, e Jesus cura o seu servo, sem ao menos vê-lo.¹²⁴ Não basta clamar por Deus. É preciso fazer a sua vontade. A vontade de Deus é a misericórdia. Esta é a rocha sobre a qual construir nossa casa, sem medo que venha a ser derrubada.

¹¹⁸ VENDRAME, 2001, p. 21.

¹¹⁹ Cf. Ex 34, 6-7; Is 43, 25; 44, 22.

¹²⁰ Cf. Lc 5, 24.

¹²¹ Cf. Lc 5, 25.

¹²² RIUS-CAMPS, 1995, p. 86.

¹²³ RIUS-CAMPS, 1995, p. 105, observa que “Lucas evita que Jesus entre em contato direto com o paganismo (v. 6b: ‘Não estava longe de casa’; v. 6d: ‘não sou digno de que entres em minha casa’; v. 7a: ‘nem mesmo me atrevi a ir em pessoa’), reservando-o para a futura missão da comunidade cristã (At 13). Mas deixa bem claro que a mensagem libertadora de Jesus não restringe a Israel: ‘Ao voltarem para casa, os enviados (os amigos do centurião, v.6c) encontraram o servo em perfeita saúde’ (7,10).”

¹²⁴ Cf. Lc 7, 1-10.

3.2 Casa – lugar de perdão

É muita gente e tudo gente pobre, desprezada, rejeitada. Impureza e pecado não são obstáculos para Jesus. Seu poder vence sempre. Este é o ensinamento que Lucas queria dar às suas comunidades: o pobre não pode ser desprezado e, também, não basta ajudá-lo. É preciso acreditar que ele pode e deve ser “salvador” dos outros pobres.

É neste contexto de resgate da dignidade da pessoa que Lucas mostra Jesus almoçando na casa de Levi, enquanto que Marcos, no grego, diz “na casa dele”¹²⁵, não definindo se era a casa de Levi ou de Jesus. Lucas menciona claramente “casa de Levi”¹²⁶, reforçando que Jesus estava em uma casa de publicano comendo com eles. Talvez para Marcos fosse difícil aceitar que Jesus iria tão longe assim: Entrar na casa de publicanos e ali comer com eles. Por isso deixou o texto ambíguo, não definindo a casa de quem. Mateus diz que Jesus está na casa.¹²⁷ Não diz de quem é a casa, mas dá a entender que era a casa de Jesus, porque diz que os publicanos e pecadores vieram e se sentaram com Jesus e seus discípulos.

A casa de Levi está cheia e, entre os presentes, estão também os fariseus e seus letrados¹²⁸, vindos da Galiléia, da Judéia e até de Jerusalém. Na casa, na mesma mesa¹²⁹, também está muita gente desprezada, tachada de “pecadores”. Levi, um dos empregados a serviço do império romano, os quais eram odiados pelos galileus, é chamado para ser discípulo de Jesus e fez uma grande festa em sua casa. Estavam ali os seus colegas de

¹²⁵ Cf. Mc 2, 15.

¹²⁶ Cf. Lc 5, 29.

¹²⁷ Cf. Mt 9, 10.

¹²⁸ RIUS-CAMPS, 1995, p. 88.

¹²⁹ GALLAZZI, 2003, p. 103: menciona que no “Evangelho de Lucas temos 14 referências a mesas, comida e banquetes: destas, só as memórias da mesa de Levi, da partilha dos pães e da ceia pascal são comuns aos outros dois sinóticos. As demais narrativas são exclusivas de Lucas. Este dado nos diz que a mesa é o fio condutor do Evangelho de Lucas. Neste contexto, o que acontece ao redor da mesa, à qual Jesus está sentado, torna-se o elemento crítico que ajuda a comunidade em sua ação de discernimento para que, à luz da memória de Jesus, possa continuar sendo testemunha de seu projeto de vida. À mesa manifestam-se, contemporaneamente, as preocupações e as propostas de Lucas diante dos desafios que estavam enfrentando as comunidades da Ásia Menor, às quais ele estava escrevendo.”

profissão e muitas outras pessoas. Os fariseus e escribas tentam convencer os discípulos de que eles estão errados em se misturar com os coletores de impostos e pecadores. O escândalo maior é o fato de comerem na mesma mesa, o que significa entrar em comunhão. Jesus e seus discípulos recém-estreados partilham da mesma mesa com homens livres e celebram conjuntamente o banquete do reino messiânico.¹³⁰ Além do mais, a festa expressa a mudança de vida de Levi, que deixou a mesa da coletoria de taxas, para celebrar a comunhão de mesa.¹³¹

A mesa é um espaço privilegiado, em torno da qual a vida, com suas alegrias, tristezas e projetos, são compartilhados, e a partir da qual surgem novas perspectivas e desdobramentos¹³². Para autores como Maffesoli¹³³, a mesa é um espaço de comunicação. O banquete é o sinal, por excelência, da identidade do grupo, quer seja do grupo familiar, ou de toda a população de uma cidade que se reúne em torno de uma mesa comum, seja através da presença física dos membros ou por uma representação simbólica. De outra forma, a separação à mesa significa diferença de identidade. A mesa pode ser tanto um elemento agregador de identidades, como também de delimitação, separação até marginalização. Ser aceito ou excluído dela assume forte significado e expressão nas relações de identidade.

O banquete é, portanto, não apenas o espaço por excelência onde se expressam as identidades, mas, também, o da mudança social, conforme o mecanismo antropológico bem conhecido do dom e de sua contrapartida, que confere a oferta de alimentos valores sempre diferentes em função da posição que ocupa o oferente: de cima para baixo, a oferta denota condescendência generosa e a proeminência social; de baixo para cima ela denota a veneração e a sujeição. No plano horizontal, ela significa, simplesmente, a pertença comum (que pode ser ocasional) a um grupo.¹³⁴

¹³⁰ RIUS-CAMPS, 1995, p. 88.

¹³¹ Cf. Lc 5, 29-39.

¹³² ORTI, Luiz Vítório. **Comensalidade e acese**: conflitos de projetos messiânicos a partir de Lc 7, 31-35.

Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2007. p. 90.

¹³³ IN DIAS, Célia M. M. (org.) **Hospitalidade**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

¹³⁴ FLANDRIN, Jean-Louis; MONTARARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 108.

Em Lucas 7,36-50 certo fariseu convidou Jesus para uma refeição em casa¹³⁵. Três pessoas totalmente diferentes se encontram: Jesus, o fariseu e a mulher. A casa do fariseu certamente era o lugar de reunião de todos os que participam de sua mentalidade. O primeiro a aparecer em cena é um homem chamado de fariseu, não tem nome. Seu nome é conhecido quando este coloca em dúvida que Jesus seja profeta e Jesus pronuncia seu nome: “*Simão, tenho uma coisa a lhe dizer*”.

A segunda personagem é uma mulher, sem nome. Lucas faz uma descrição detalhada da mulher: “*Apareceu então uma mulher da cidade, uma pecadora. Sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume.*” Que faz uma pecadora pública na casa de um fariseu que convida Jesus “para comer com ele”, convencido de que “partilha com ele das mesmas idéias e convicções religiosas”¹³⁶. A mulher coloca-se aos pés de Jesus, começa a chorar, molha os pés de Jesus com as lágrimas, solta os cabelos para enxugá-los, beija e unge os pés com perfume. Soltar os cabelos em público era um gesto de independência. Jesus não se retrai nem afasta a mulher, mas acolhe o gesto dela.

Na sociedade e na religião do tempo de Jesus, as mulheres eram excluídas e discriminadas. Na religião a mulher não ocupava nunca o primeiro lugar, o poder religioso pertencia quase inteiramente aos homens.¹³⁷ A mulher é considerada perigosa, causadora do pecado e da morte.¹³⁸ Por isso, devia ser controlada, submetida ao pai, ao marido e aos chefes religiosos. Em algumas comunidades, ela não podia falar durante a celebração¹³⁹ e era

¹³⁵ RIUS-CAMPS, 1995, p. 118: observa que o fariseu estava convencido de que partilhava com Jesus “das mesmas idéias e convicções religiosas, ainda que os dirigentes judeus (os fariseus e legistas) tenham rechaçado Jesus (6,11) e que este lhes tenha reprovado ter frustrado o plano que Deus tinha previsto para eles (7,30). O fariseu Simão, ademais, não está só; também convidou os seus colegas que pensam como ele, “os outros convivas” (v. 49a). Jesus, ao invés, não vai acompanhado de ninguém quando entra na casa (VV. 36b.44c).”

¹³⁶ RIUS-CAMPS, 1995, p. 118.

¹³⁷ SCHEID, John. “**Estrangeiras**” indispensáveis: papéis religiosos das mulheres em Roma. In: STRÖHER, Marga J. “A Igreja na casa dela”. São Leopoldo: IEPG, Série Ensaios e Monografias, 1996. p. 10.

¹³⁸ Cf. Eclo 25, 24.

¹³⁹ Cf. 1Cor 15, 34.

proibida de beber o vinho puro, uma das oferendas do sacrifício.¹⁴⁰ A Lei da pureza ou impureza a considerava impura por ser mulher¹⁴¹ e por ser mãe¹⁴². Na sinagoga ela não participava, na vida pública não podia ser testemunha. De acordo com Ströher:

Mulheres judias sofriam diversas formas de opressão e limitações sócio-religiosas, reguladas e fundamentadas por leis religiosas discriminatórias. Elas estavam afastadas da esfera pública, limitadas à casa como mãe, donas de casa, esposas. Além de outros serviços, moer e tecer eram seus trabalhos por excelência, como de outras mulheres de seu tempo. Sofriam a lei do silêncio, impostas pelos homens, em relação aos homens. No templo tinham um lugar limitado. Eram segregadas por regras de impurezas, como as relacionadas à menstruação e ao parto.¹⁴³

Ao redor de Jesus, porém, homens e mulheres se reuniam em igualdade de condições. Na casa do fariseu Jesus acolhe uma pessoa que, conforme os judeus observantes, não podia ser acolhida. Mesmo estando na casa do fariseu, a convite do mesmo, Jesus não perde a liberdade de falar e de agir. E usando os símbolos do amor da mulher, Jesus dá o troco ao fariseu que se considerava em paz com Deus: “Você não me deu água para lavar os pés, não me deu o beijo de acolhida, não me deu água de cheiro! Simão, apesar de todo o banquete que me ofereceu, você tem pouco amor!”¹⁴⁴

Lucas quer mesmo provocar. Esta mulher, que devia ser desprezada por todos, é apontada por Jesus como o exemplo de alguém que “muito amou”. Um amor cheio de ternura e de arrependimento cancela uma multidão de pecados. “Teus pecados são perdoados!” É mais um escândalo. Para receber o perdão dos pecados não são mais necessários os duros ritos exigidos pela lei. Basta o arrependimento e um imenso carinho. “Tua fé te salvou, vai em

¹⁴⁰ STRÖHER, Marga J. “A Igreja na casa dela”. São Leopoldo: IEPG, Série Ensaio e Monografias, 1996. p. 11.

¹⁴¹ Cf. Lv 15, 19-30.

¹⁴² Cf. Lv 12, 1-8.

¹⁴³ STRÖHER, 1996, p. 13.

¹⁴⁴ Cf. Lc 7, 44-47.

paz”.¹⁴⁵ A mulher pecadora, marginalizada pela própria sociedade, compromete-se com Jesus e o seu projeto, é libertada, e demonstra a sua gratidão.¹⁴⁶

Zaqueu, pequeno e pecador, só queria avistar Jesus e, para isso, subiu numa árvore.¹⁴⁷ Para sua surpresa Jesus disse que era chegado o tempo de “ficar” na sua casa e Zaqueu recebeu-o com alegria. Zaqueu “polariza em sua pessoa todas as iras da sociedade israelita, uma vez que se tinha enriquecido à custa da miséria do povo submetido”.¹⁴⁸ A recuperação da vida de Zaqueu começa por um convite¹⁴⁹ de Jesus: “Hoje devo ficar em tua casa” e se completa pela constatação de que “hoje a salvação entrou nesta casa”. Lucas salienta que todos murmuravam: “Foi hospedar-se na casa de pecador!” Isto significa que Jesus estava ficando sozinho na sua atitude de dar acolhida aos excluídos, sobretudo aos colaboradores do sistema. Mas Jesus não se importa com as críticas. Ele vai à casa de Zaqueu e o defende contra as críticas. A casa, a mesa de refeição deve ser o lugar privilegiado do amor e do perdão. Inimigos não se sentam à mesma mesa e não comem do mesmo pão.

¹⁴⁵ Cf. Lc 7, 50.

¹⁴⁶ RIUS-CAMPS, 1995, p. 120: observa que “o fariseu, tem uma exígua capacidade de agradecimento, pois está convencido de que ganhou por próprio esforço a salvação, com exceção da pequena dívida que tinha contraído. A segurança pessoal que lhe dá o cumprimento da Lei impede-lhe de experimentar plenamente a gratuidade da salvação. A liberação que experimenta é relativa, pois está condicionada pelo lastro de suas práticas religiosas. A mulher pecadora, por sua vez, que tocou a fundo, tem muito mais capacidade do que o outro de perceber a novidade que comporta a mensagem de Jesus e a nova e incomparável liberdade que experimentou ao acolhê-la.”

¹⁴⁷ Cf. Lc 19, 1-10.

¹⁴⁸ RIUS-CAMPS, 1995, p. 285: “Para interpretar esta cena devemos nos guiar pela passagem de Josué 6, segundo a versão grega dos Setenta. Raab, a prostituta, e Zaqueu, o arquiteiro, são figura (feminina e masculina) do homem marginalizado por determinada sociedade. Josué (em grego ‘Jesus’) / Jesus, ao entrar em Jericó, ‘salvam’ respectivamente Raab e sua família (Js 6, 17.23.25) / Zaqueu, representando todos os marginalizados israelitas (Lc 19, 9-10). As marcas que relacionam essas duas passagens são muito indicativas, mas difíceis de traduzir para nossas categorias. Raab deu alojamento aos emissários/espões de Josué e salvou, assim, sua vida e de toda a sua família; Zaqueu dará acolhida a Jesus. Uma e outro são considerados traidores por suas respectivas sociedades. A ‘traição’ de Zaqueu recairá sobre Jesus...e se voltará contra ele na traição de Judas, ‘Judas/judaísmo’ – os valores nacionais do povo judeu (22,3s).”

¹⁴⁹ GEORGE, A. **Leitura do Evangelho segundo Lucas**. São Paulo: Paulus, Coleção Cadernos Bíblicos, 1982. p. 82: “Temos aqui uma narrativa de conversão. Em Zaqueu há um convite, o desejo de ver Jesus: ele é atraído por Jesus; a continuação do texto mostra que não se trata de simples curiosidade, como foi o caso de Herodes, durante a paixão; nesse desejo obscuro há provavelmente um arrependimento mais ou menos consciente ou, pelo menos, uma generosidade interior. Seu desejo é satisfeito e ultrapassado: Zaqueu queria apenas vê-lo; Jesus decide hospedar-se na casa dele, antes que ele tivesse dito ou pedido qualquer coisa.”

Zaqueu, em pé, disse ao Senhor: “Senhor¹⁵⁰, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”.¹⁵¹

3.3 Jesus na casa de Marta

Também foi numa casa, casa de Marta, que Jesus legitimou o discipulado das mulheres.¹⁵² Lucas quer mostrar que o cristianismo rompeu com a prática do judaísmo, que afastava as mulheres dos assuntos religiosos, e também justificar o ministério das mulheres na Igreja Primitiva. Dificilmente uma mulher convidava alguém para ficar em sua casa. Mesmo que ela tivesse vontade de convidar um grande amigo, ela não podia fazer o convite. E, por outro lado, as pessoas diziam que uma mulher que convidava um amigo para se hospedar em sua casa, ficava com má fama. Marta sabia de todas estas coisas. Ela ouvia os comentários das pessoas e não se importava. Marta era uma mulher decidida. Ela sabia o que queria e como podia ajudar as pessoas. Marta sabia da missão que Jesus realizava e percebeu que uma das maneiras de ajudar Jesus em sua missão era hospedá-lo em sua casa e dar-lhe comida. Marta tinha uma casa, era propriedade sua (“em sua casa”) domina como senhora (“Marta” significa

¹⁵⁰ GEORGE, 1982, p. 83: “Compreende-se que Lucas faça Zaqueu chamar Jesus de ‘Senhor’, porque o gesto dele é realmente próprio de Senhor. Como na cura do paralítico, o tema do ‘Filho do homem’ reaparece: ‘O Filho do homem tem o poder de perdoar pecados’ (caso do paralítico); ‘O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido’ (caso de Zaqueu). Temos aqui provavelmente um eco da conhecida imagem do profeta Ezequiel (34,16): o bom pastor procura a ovelha perdida. É um dos temas preferidos para exprimir o perdão. E como aqui não se trata de uma parábola, mas da atitude bem real de um homem, Zaqueu, do seu chamamento, da sua surpresa, da sua decisão, Jesus pode tirar as últimas conseqüências da graça que ele encarna: ele é o Senhor, o Filho do homem, e veio procurar e salvar o que estava perdido.”

¹⁵¹ RICHTER REIMER, 2006, p. 155: “A devolução quádrupla em caso de roubo de meios de produção ou de produtos, no caso realizado na coletoria, é prevista em Ex 21,37 (veja também Nm 5,6-7). A proposta da devolução, como parte da tradição jubilar judaica, oportuniza a reabilitação de pessoas e independentes para produzir e viver, livres de processos de endividamento! [...] Devolvendo quatro vezes mais para pessoas de quem roubou e entregando a metade de seus bens para pessoas que entraram num processo de empobrecimento, talvez justamente através dessas suas ações fraudulentas, Zaqueu pratica o perdão de dívidas em amplo e profundo sentido. Com isso, estão sendo reavivadas antigas tradições jubilares, proclamadas e ansiadas pelo povo sofredor.”

¹⁵² Cf. Lc 10, 38-42.

em aramaico “senhora”) a comunidade ou família que representa conjuntamente com Maria.¹⁵³

Numa das visitas de Jesus na casa de Marta, Maria sentou-se aos pés de Jesus e ficou ouvindo os seus ensinamentos. A maneira como Maria sentou aos pés de Jesus foi igual à de todos os outros discípulos que se sentavam no chão ao seu redor. Vale lembrar que naquele tempo as mulheres não podiam receber instrução e, quando Maria se sentou aos pés de Jesus e ficou ouvindo as suas palavras, a própria Marta achou estranho e pensou que Maria estava fazendo uma coisa errada e, inclusive, pediu que Jesus chamasse a atenção de Maria.

Uma pergunta incomoda: o que teria feito Marta se, no lugar da irmã, tivesse sido um irmão a ficar ouvindo Jesus? Provavelmente nada. Era e é tão normal o homem ficar conversando na sala enquanto a mulher trabalha na cozinha. Marta censura Jesus que deixa Maria assumir o papel próprio de um homem.¹⁵⁴

Para Rius-Camps¹⁵⁵, entre Marta e Maria está uma decisão a ser tomada: “observar a lei ou acolher a Jesus”. Marta é cumpridora da Lei e exige com superioridade que Jesus faça com que Maria tenha mais interesse em cumprir a Lei. Para Marta, em lugar de “mensagem”, o que Jesus deve inculcar-lhe é a Lei. Só que Jesus fez uma coisa diferente. Jesus fez algo que nenhum outro mestre ou sacerdote teria coragem de fazer na sua época (e também hoje). Jesus simplesmente deixou Maria ficar aos seus pés, não imitou os outros mestres da sua época. Marta, zelosa e cumpridora da Lei, tinha escolhido a parte que lhe oferecia mais segurança, a herança do Antigo Testamento compendiada da Lei mosaica, enquanto que Maria escolheu “a parte melhor”, que ninguém lhe poderá tirar, “pois não se expressa em símbolos externos, como são casa, terras, observâncias legais etc.”.

Ao passo que Marta tomou posse da terra (“tinha uma casa”), como as tribos de Rúben, Gad e a meia tribo de Manassés, que herdaram territórios da Transjordânia (cf. Nm 32; Js 13), Maria, da mesma forma que a tribo de Levi, tem o Senhor como

¹⁵³ RIUS-CAMPS, 1995, p. 202.

¹⁵⁴ GALLAZZI, 2003, p. 137.

¹⁵⁵ RIUS-CAMPS, 1995, p. 202-204.

a única herança (cf. Js 13,14). Vive materialmente no “povoado”, mas sem comungar com a ideologia que aí predomina.¹⁵⁶

3.4 A casa do pai e a casa do patrão

Lucas também nos apresenta uma parábola que diz: “Um homem tinha dois filhos. O filho mais novo disse ao pai: ‘Pai, me dá a parte da herança que me cabe’. O pedido que o filho mais novo faz é ofensivo, equivalente a desejar a morte do pai (Ex 20.12).¹⁵⁷ Ele não quer esperar até que isso aconteça para só então se apossar daquilo que é seu por direito. É, em suma, uma rejeição radical a toda a sua vida pregressa.¹⁵⁸ E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou o que era seu, e partiu para um lugar distante. Segundo Henri Nouwen, no contexto da parábola do filho pródigo, a partida “é uma rejeição cruel do lar no qual o filho nasceu e foi criado e uma ruptura com a mais preciosa tradição apoiada pela comunidade maior da qual ele faz parte”.¹⁵⁹ E aí esbanjou tudo numa

¹⁵⁶ RIUS-CAMPS, 1995, p. 202.

¹⁵⁷ BAILEY, Kenneth. **A poesia e o camponês**. Uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Sociedade religiosa, edições Vida Nova, 1985. p. 214: Para o autor, o fato de o pai dividir a herança antes da morte não era raro, no entanto, o notável é que nenhuma referência na literatura do Oriente Médio indica que um filho tenha pedido a herança enquanto o pai estava bem de saúde. É também notável o fato de o pai atender seu pedido, de dividir e dispô-la já naquele momento. Com isso, o pai estava abrindo mão do seu direito de ser cuidado na velhice.

¹⁵⁸ ALLMEN, Jean-Jacques Von. (Coord.). **Vocabulário Bíblico**. São Paulo: ASTE, 1972. p. 166: “A ofensa contida no pedido pela herança e no fato de vendê-la fica ainda mais perceptível quando se entende que a propriedade, a terra do seu pai, é a terra que Deus havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó e concedido ao povo, através de Moisés, como sinal de eleição divina. Ao tomar posse desta herança, a terra é dividida entre as tribos, clãs e famílias, de acordo com a vontade de Deus (Js 13.7 – 14.5), ou seja, só ele pode modificar esta decisão, pois ela é inalienável (Gn 13.15). Em última instância, Deus é o único proprietário da terra, com liberdade de dispô-la da forma que lhe aprouver. Como consequência, a terra não pode ser transferida de uma tribo para outra (Nm 36. 1-12), não pode ser cobiçada (Ex 20.17), nem se pode mudar as balizas de um campo (Dt 19.14). É neste viés que se deve compreender também a Lei do ano jubilar (independentemente se esta Lei tenha sido aplicada ou não) que busca restabelecer ao antigo proprietário a terra perdida (Lv 25.8ss). Assim, mesmo sendo permitido vender a colheita que ela produz (Lv 25.16), é proibido vender a herança recebida de Deus, pois ela pertence unicamente a Ele (Lv 25.23). A atitude do filho, portanto, é, também, uma ofensa aos preceitos de Deus. A terra é graça divina, é presente recebido, tem caráter sagrado.”

¹⁵⁹ NOUWEN, Henri J. M. **A volta do filho pródigo**. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 41.

vida desenfreada. Quando tinha gasto tudo o que possuía, houve uma grande fome nessa região, e ele começou a passar necessidade. »¹⁶⁰

Para sair de casa o filho pediu a herança, pediu dinheiro. Sair da casa do pai exige que a pessoa tenha dinheiro. O dinheiro é a única coisa que todo o mundo aceita de bom grado. Sem dinheiro o rapaz não conseguiria enfrentar o mundo. Mas ele não tinha maturidade suficiente para administrar o dinheiro que o pai lhe deu. Jesus diz que ele esbanjou tudo numa vida desenfreada.¹⁶¹ Para piorar as coisas, a terra em que ele vivia passou por dificuldades econômicas. Desta forma, o jovem começa a passar necessidade.¹⁶²

O rapaz precisa de dinheiro para sobreviver. Assim, pela primeira vez na vida, ele vai à busca de emprego.¹⁶³ Então entra na casa do patrão. O patrão manda cuidar dos porcos. Mas a fome é muito e ele quer comer a lavagem dos porcos.¹⁶⁴ No entanto, na casa do patrão comida de porco é para o porco. O empregado deve comer do salário que ele conseguir ganhar. Mesmo com a fome do empregado, a preocupação do patrão está na engorda dos porcos. O rapaz descobre que na casa do patrão nada é partilhado. Nem a lavagem!

Enfrentar as dificuldades gera maturidade. O rapaz começa a comparar sua vida na casa do patrão com a situação existente na casa do pai. Na casa do pai o pão é partilhado com todos, filhos e empregados. Na casa do pai ninguém passa fome! Nem os empregados. O rapaz decide voltar para a casa do pai. Ele tem maturidade suficiente agora para reconhecer que errou. Não espera mais ser considerado como filho. Assim, ele vai pedir emprego ao pai. Mas isso não é problema. Na casa do pai os empregados não passam fome, porque lá o pão é partilhado. É a partilha que impede que haja fome na casa do pai. Mas isso o rapaz só descobriu passando fome na casa do patrão. Comparando os modelos de casa, o jovem faz a

¹⁶⁰ Cf. Lc 15, 11-32.

¹⁶¹ Cf. Lc 15, 13.

¹⁶² Cf. Lc 15, 14.

¹⁶³ Cf. Lc 15, 15.

¹⁶⁴ Cf. Lc 15, 16.

sua opção: prefere ser empregado na casa do pai, lugar de partilha, local em que ninguém passa fome.

Tem muita gente que acha que o filho só retorna porque ele está com fome. Sua volta seria então um oportunismo. Não se trata disso! O filho escolhe um determinado modelo de casa. Na casa do patrão nada é partilhado, nem a lavagem do porco. Na casa do pai ninguém passa fome. É missão da casa do Pai “saciar de bens os famintos”.¹⁶⁵

Para Deus a participação de todos na festa da vida é de fundamental importância, assim como, uma família precisa de todos os seus familiares para festejar. Imagine se em uma festa alguém faltar, todos perguntarão por ele, e exclamariam: ‘Que bom se ele estivesse no meio de nós, ele faz tanta falta!’. Para Deus ele também faz esta mesma exclamação, gostaria de celebrar com todos os seus filhos e filhas na festa eterna.¹⁶⁶

O Deus da misericórdia não exclui ninguém de sua mesa, da mesa da vida; mais ainda, quer convidar especialmente a todos aqueles que são excluídos das mesas dos homens por sua situação social, por sua pobreza, por seu sexo ou por qualquer outro motivo; e vai mais longe, não vê com bons olhos os que acreditam participar de sua mesa, mas excluem de sua mesa os seus irmãos por serem pobres. O Deus que não faz distinção de pessoas ama diletamente os menos amados. Contudo, muitas vezes tomamos a atitude do irmão mais velho. Jesus nos convida à sua mesa, uma mesa na qual mostramos, como em uma parábola, como é o Deus, como é a fraternidade nos quais acreditamos. E vamos mostrar que somos irmãos, que somos filhos, na medida da nossa participação da alegria do pai e do reencontro com os irmãos.¹⁶⁷

¹⁶⁵ Cf. Lc 1, 53.

¹⁶⁶ CNBB – **Curso Bíblico Popular**. O Evangelho de Lucas. São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 1998. p. 31.

¹⁶⁷ SERVIÇO BÍBLICO LATINO AMERICANO. Disponível em: <<http://www.clartianos.com.br/servicobiblico/index.jsp?dia=14&mês=3&ano=2010>>. Acesso em: 14 mar. 2010

3.5 Na casa a celebração da Páscoa

Jesus sabe que no:

Templo vai ser tramada a traição: sua vida em troca de dinheiro! Então o Templo não serve mais para celebrar a Páscoa. É preciso achar outro lugar. Um lugar comum, um lugar onde todos, inclusive os escravos, possam entrar. Não um Templo, mas uma casa. A Páscoa de Jesus precisa de outro lugar. Não um altar, mas uma mesa. Uma mesa ao redor da qual pode sentar não para imolar animais, mas para dividir o pão e o vinho. Não um sacrifício, mas um pão repartido. A mesa, e não o altar serve de teste para o grupo. Serve, sobretudo, para descobrir o traidor: A mão do homem que me traição está se servindo comigo, nesta mesa (Lc 22,21). Para Lucas a mesa da última ceia é a mesa de quem serve e não de quem governa. Aceitar que a mesa, da casa, seja o centro de nossas vidas e de nossas relações significa abandonar os critérios das “nações”. Para elas o centro é sempre um trono, um altar ou um mercado. A mesa na casa do Pai fica no horizonte, na utopia: Eu confio a vocês o Reino. Vocês hão de comer e beber à minha mesa no meu Reino (Lc. 22,28-30).¹⁶⁸

Em Lucas 24,13-35, um casal que morava em Emaús, uma cidade próxima de Jerusalém, discípulos de Jesus, estão voltando para a aldeia, tristes por tudo que tinha acontecido.¹⁶⁹ Mesmo tendo ouvido o testemunho de “algumas mulheres”, que seguiam e serviam a Jesus desde a Galiléia, os discípulos, o máximo que fizeram, foi ficarem “assustados”.¹⁷⁰ Jesus se aproxima deles, como desconhecido, e entra na conversa, seguindo o mesmo caminho. Jesus se interessa pelo assunto e os discípulos contam o que aconteceu. Mas “os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram”.

Ao chegar próximo da aldeia Jesus fez “menção de passar adiante”. O casal convidou Jesus para ficar: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando”.¹⁷¹ Jesus entra para ficar com eles. A palavra “casa” não aparece no texto, mas podemos supô-la já que se diz que convidaram Jesus para “entrar” e ele “entrou” e “estavam à mesa”. Na casa acontece a partilha do pão – partilha onde se reconhece o ressuscitado, que era a principal prática do

¹⁶⁸ GALLAZZI, 2003, p. 114.

¹⁶⁹ Cf. Lc 24, 13-35.

¹⁷⁰ Cf. Lc 24, 22.

¹⁷¹ Cf. Lc 24, 29.

cristianismo primitivo, e foi ao redor dessa mesa, onde concretamente todas as hierarquizações existentes na sociedade (senhor x escravo, judeu x grego, homem x mulher)¹⁷² são anuladas e superadas. Desta prática, na mesa da partilha, onde se fazia a memória de Jesus, impulsionava-se uma ética que ia transformando todas as relações que estas pessoas desenvolviam em seu cotidiano.

Então “seus olhos se abriram e o reconheceram”. A casa, a mesa, a partilha é o novo lugar sagrado de revelação e presença eterna do Ressuscitado. É desse gesto de partilha que nasce o mundo novo e a nova história, superando toda a desigualdade gerada pelo poder e pela riqueza.

Para Rius-Camps:

Palavra e gesto: se quisermos compreender o plano de Deus, deveremos também nós nos habituar a partilhar, como Jesus se entregou a si mesmo num ato supremo de doação (22,19) e o significou mediante a “participação no pão”. Enquanto formos em busca de uma Igreja triunfante, bem considerada e aplaudida pelos poderosos, enquanto confiarmos nos grandes meios de comunicação como formas de evangelização, no estilo dos carismáticos evangelistas que dominam as televisões americanas, remaremos contra as correntes e não descobriremos nunca a Jesus na pequena, pobre e insignificante história dos homens e mulheres que nos rodeiam e que se nos aproximam.¹⁷³

¹⁷² Cf. Gl 3, 28.

¹⁷³ RIUS-CAMPS, 1995, p. 352.

4 A CASA EM ATOS DOS APÓSTOLOS

O livro “Atos dos Apóstolos” fala a respeito da maneira como as primeiras Igrejas Cristãs se formaram e se espalharam, as “coisas que Deus fez” através das comunidades. Ao iniciar a leitura dos Atos, surge logo a referência a uma obra anterior, o evangelho de Lucas: “Fiz meu primeiro relato, o Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo, até o dia em que foi arrebatado ao céu”.

Segundo Cavalcanti, o autor dos Atos é o mesmo do evangelho de Lucas e que o livro dos Atos é o segundo volume de uma obra maior.

O autor se dirige a um certo Teófilo, mas este pode ser apenas um personagem fictício criado através de um certo procedimento literário, comum naquela época. Certamente, por trás deste destinatário simbólico, estavam os chamados “adoradores de Deus” (Teófilo significa etimologicamente “amigo de Deus”), isto é, os cristãos convertidos do paganismo e que faziam parte das comunidades a quem Lucas se dirigia. Mas o autor dos Atos também se dirige a cristãos vindos do judaísmo, pois ele tem sempre a preocupação de mostrar como a fé em Jesus Cristo tinha fundamento nas profecias do povo judeu.

[..]

O objetivo do autor dos Atos aparece claramente no decorrer da leitura: trazer um retrato vivo das primeiras comunidades e da evolução do testemunho dos cristãos no despontar da nova fé. Recuperando assim a memória das primeiras gerações, Lucas procurava responder aos desafios de uma Igreja ameaçada por perseguição quase arrasadora e sacudida por fortes conflitos internos.¹⁷⁴

¹⁷⁴ BEOZZO, José Oscar (Org.). **Curso de Verão**: ano IV. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 18-20.

4.1 Casa, espaço de reunião das Igrejas¹⁷⁵

Em todo o Novo Testamento, a casa aparece como espaço importante de encontro da família e da comunidade, de realização das pessoas e de defesa da vida. A casa foi elemento fundamental tanto para o movimento de Jesus como para o movimento missionário. Ela foi o lugar de origem e desenvolvimento da missão de Jesus. O movimento de Jesus se apropriou da casa como instrumento de missão e expansão do movimento, especialmente pela hospitalidade¹⁷⁶ oferecida às missionárias e aos missionários itinerantes.¹⁷⁷ A casa cristã podia proporcionar novos vínculos para as pessoas que dela faziam parte, não mais fundamentados no senhorio e subordinação, mas na solidariedade. Em Atos dos Apóstolos vamos encontrar casas acolhedoras a serviço da evangelização, como é a casa de Judas¹⁷⁸; a casa de Tabita¹⁷⁹; a casa de Cornélio¹⁸⁰; a casa de Maria, mãe de João Marcos¹⁸¹; a casa de Lídia¹⁸²; a casa de Priscila e Áquila¹⁸³. Os seguidores de Jesus depois da sua ressurreição e antes da institucionalização da Igreja estruturaram-se em pequenas comunidades domésticas.

Para Cavalcanti:

Um fato que Lucas faz notar é uma espécie de deslocamento do centro espacial religioso: ao mesmo tempo que a Boa Nova se desloca de Jerusalém em direção a Roma (mundo), o centro da atividade religiosa deixa de ser o Templo e a sinagoga, e

¹⁷⁵ A palavra “igreja”, em Atos, significa assembléia de fé cristã, se refere a “comunidades domésticas e concretas”, reunidas no discipulado de Jesus, organizadas a partir da “casa”; não é uma instituição hierárquica.

¹⁷⁶ Sobre hospitalidade v. U. WEGNER (org). **Práticas Diaconais**: subsídios bíblicos. São Leopoldo: Sinodal / CEBI, 2004. p. 48-68.

¹⁷⁷ STRÖHER, 1998, p. 192.

¹⁷⁸ Cf. Atos 9, 11.

¹⁷⁹ Cf. Atos 9, 36ss.

¹⁸⁰ Cf. Atos 10, 1ss.

¹⁸¹ Cf. Atos 12, 12ss.

¹⁸² RICHTER REMER, 2006, p. 136: “Lídia, proveniente da cidade de Tiatira, na Ásia. Ela não é judia, e sim gentia, adoradora de Deus. Por profissão, era vendedora de púrpura. Lídia era a responsável pelo local; não sabemos se era viúva ou mãe solteira. [...] Lídia recebe os missionários apelando à sua fidelidade ao Senhor (v.15) e não às riquezas. Lídia converte-se ao escutar as palavras de Paulo e Silas. Sua fé deve-se à Palavra, e não ao fato de ter visto milagres ou outras coisas extraordinárias. Convertida ao Senhor, faz-se batizar, ela e toda a sua casa (v. 15).”

¹⁸³ Cf. Atos 18, 1ss.

passa a ser as casas, as famílias. Isso já se nota quando, em seu evangelho, Lucas relata a anunciação do anjo ao sacerdote Zacarias, sobre o nascimento de João Batista, dentro do Templo; ao passo que a anunciação do anjo Gabriel, sobre o nascimento de Jesus, é feita a uma mulher leiga, Maria, em sua casa (Lc 1,28).¹⁸⁴

O livro dos Atos dos Apóstolos nos apresenta esta dinâmica que parte do Templo¹⁸⁵ e chega a casa:

O papel central do Templo aos poucos vai se transferindo para as “casas”. Foi em uma casa que aconteceu o Pentecostes (At 2,2). Era nas casas que as comunidades se reuniam para a “partilha do Pão” (At 2,46). Foi em casa que Cornélio, “na hora nona”, hora do sacrifício no Templo, teve a intuição de que suas orações e suas esmolas tinham subido até Deus (At 10,4). A partir da experiência da presença de Jesus Ressuscitado, emerge um novo sentido da “casa de Deus”.¹⁸⁶

Comblin ao falar sobre “as raízes bíblicas da Igreja da casa”¹⁸⁷, relata que nos escritos paulinos, a palavra Igreja (*ekklesia*) ainda não se separou do verbo que lhe deu origem. O verbo *Klein* significa chamar, convocar. Uma “*ekklesia*” é uma reunião de pessoas que foram chamadas por Cristo. Foram convocadas e responderam à convocação. Desse modo a palavra Igreja nunca se desliga do sentido da convocação. Formam Igreja os que foram atualmente convocados por Cristo. Toda Igreja é um acontecimento. Nunca se perde a ligação com o acontecimento de estar reunidos por uma convocação.

Para Comblin

A pequena comunidade que se reúne numa casa tem valor de Igreja. Nela se vive a reunião do povo de Deus; nela estão reunidos em nome de Jesus os convocados, o sinal do Israel definitivo.

A menção da casa manifesta que a Igreja está ligada a um espaço humano. Se a Igreja tem a sua cabeça nos céus como pensa o autor da epístola aos Efésios, ela tem o seu corpo inscrito num lugar determinado pela vivência de uma comunidade. A

¹⁸⁴ BEOZZO, 1990, p. 24-25.

¹⁸⁵ Até o capítulo 7 de Atos dos Apóstolos, fala-se do templo 13 vezes como lugar da pregação, e depois como lugar do conflito com os sacerdotes. No capítulo 19, é usada insistentemente a mesma palavra templo para falar do grande templo pagão de Diana, que os gregos chamavam de Ártemis. Na Frígia, era chamada também de Cibele. No capítulo 21, o templo de Jerusalém é lugar de conflito, e, depois de uma rápida lembrança no capítulo 22, ele é, no capítulo 24, de novo lugar de conflito. A palavra aparece de 26 a 28 vezes, segundo as diferentes traduções. Cf. em: CUNHA, Rogério Ignácio de Almeida. **Você é do caminho?**. Série: A palavra na vida, nº 169/170. São Leopoldo: CEBI, 2002. p. 144.

¹⁸⁶ LOPES, Eliseu Hugo de Lucena. **Atos dos Apóstolos: rosto e informações complementares**. In: A Palavra na Vida 158/159. CEBI-MG. São Leopoldo: Contexto, 2001. p. 96.

¹⁸⁷ COMBLIN, José. **A Igreja na Casa**. In: Revista Eclesiástica Brasileira (REB), Petrópolis: Vozes, 1987. nº 47, fasc. 186, p. 322.

Igreja não são apenas as pessoas ou as almas que crêem em Jesus. A Igreja envolve o lugar material: a Igreja é esta casa onde ela se reúne. [...] A Igreja não sentiu a necessidade de criar um espaço especial para as suas reuniões. Assumiu os espaços existentes na cultura do tempo.¹⁸⁸

A tradição grega de *ekklesia* estava ligada à cidade, *polis*. “Ser uma cidade implicava um corpo de cidadãos formalmente catalogados, o *demos* (limitado ordinariamente aos varões livres e proprietários) e um conselho citadino (*boule*).”¹⁸⁹ A *ekklesia* designava, desde a antiguidade, “a assembléia plenária dos cidadãos em plenitude de direitos na *polis*”,¹⁹⁰ ou seja, os membros masculinos livres da cidade.

Allmen¹⁹¹ diz que a palavra igreja vem do grego *ekklesia*, que tem origem em *kaleo* (“chamo ou convoco”). Na literatura secular, *ekklesia* referia-se a uma assembleia de pessoas – podia-se usar a palavra *ekklesia* para denotar um levante, um comício, uma orgia ou uma reunião para qualquer outra finalidade; mas no NT, a palavra tem sentido mais especializado, *ekklesia* faz referência à reunião de crentes cristãos para adorar a Cristo. Além disso, sabemos que a palavra grega (*ekklesia*) ocorre 115 vezes no Novo Testamento, cujo significado básico é “assembleia”, “congregação”, ou “ajuntamento ou reunião de pessoas”. É derivada da preposição *ek*, “que indica origem (o ponto de onde uma ação ou movimento procede)”, e *kaleo*, que quer dizer “chamado, convocado”. Significa, portanto, “chamados para fora”, ou “separados”; indica um grupo de pessoas que está reunida porque foi convocada, porque alguém os chamou para aquela reunião. Palavras sinônimas seriam “assembleia” ou “congregação”.

A *ekklesia* na casa, ao mesmo tempo em que definia a identidade dos grupos cristãos também se tornou o modelo de organização da comunidade cristã. O modelo de igrejas na casa, mesmo tendo recebido influências de outras formas de organização do seu tempo, é inovador. Ela se apresenta nem obedecendo a estrutura do *oikos*, nem copiando o modelo das

¹⁸⁸ COMBLIN, 1987, p. 327.

¹⁸⁹ MEEKS, Wayne. **O mundo moral dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulus, 1996. p. 16.

¹⁹⁰ COENEN, Lothar. (Org.) “Igreja”. In: **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2ª ed. 2000.

¹⁹¹ ALLMEN, 1972, p. 73.

associações, nem se restringindo ao tipo de organização doméstica sinagoga, nem como escola filosófica.¹⁹²

A casa não era somente a base, mas inclusive o modelo da vida social, econômica e política. A ordem privada da casa estava vinculada com a ordem pública da política, baseada no domínio do pai.¹⁹³ O pressuposto era que os diversos membros da casa encontravam-se numa relação mútua de superioridade e subordinação fixada pela natureza e pelo costume e que tinha diferentes tarefas e âmbitos de responsabilidade, pelos quais cada um deles respondia.¹⁹⁴ O patriarca era responsável em preservar a vida privada e a ordem adequada aos padrões patriarcais;¹⁹⁵ ele detém o comando e representa a casa externamente.¹⁹⁶ As igrejas nas casas são, portanto, um parâmetro para compreender as primeiras comunidades cristãs. A experiência que se faz na casa, porém, é diferente de uma comunidade para a outra. Segundo Ströher, se, por um lado, as comunidades domésticas mostraram a possibilidade de ter relações de igualdade, por outro lado, os códigos domésticos mostraram a tendência das primeiras comunidades cristãs em assumir a estrutura do tradicional *oikos* como modelo para as relações familiares e para a organização e as relações comunitárias.¹⁹⁷ A experiência igualitária nas casas, com certeza, não aconteceu sem conflitos com a estrutura de dominação greco-romana. Muitos conflitos inclusive devem ter ocorrido entre os membros que insistiam na manutenção do modelo tradicional da família patriarcal e os membros que procuravam relações mais igualitárias.

¹⁹² STRÖHER, 1998, p. 67.

¹⁹³ STRÖHER, 1998, p. 191.

¹⁹⁴ ROLOFF, Jürgen, **A Igreja no Novo Testamento**; tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal /EST/ CEBI, 2005. p. 283.

¹⁹⁵ STRÖHER, 1998, p. 191.

¹⁹⁶ ROLOFF, 2005, p. 283.

¹⁹⁷ STRÖHER, 1998, p. 194.

4.2 Casa – lugar da evangelização

A casa teve um papel fundamental no movimento de Jesus e no movimento cristão primitivo. Desde muito cedo, as comunidades cristãs se auto-compreenderam como *ekklesia* – assembléia – na casa. A expressão “ele/ela e toda a sua casa” servia para dizer que toda a família, também crianças e escravos ou empregados e até parentes mais próximos, aderiam à fé em Jesus Cristo e eram batizados. A palavra “casa” aparece muitas vezes no livro dos Atos dos Apóstolos. Essa é uma clara indicação de que a Igreja nascia nas casas. Esse é, de fato, o primeiro lugar onde acontece a Igreja. O movimento de Jesus depois da sua ressurreição e antes da instituição da Igreja estrutura-se em pequenas comunidades domésticas.¹⁹⁸ O lugar central da evangelização deixou de ser o Templo e deslocou-se para a comunidade cristã e, nela, a casa como espaço privilegiado. O espaço da casa era o espaço da comunidade cristã, distinto do espaço do Templo.¹⁹⁹

Na Palestina, a vida de fé dependia do Templo, domínio dos sacerdotes. As primeiras comunidades frequentavam, no Templo, os ensinamentos dos Apóstolos, mas logo aprendem a celebrar, nas casas, “a fração do pão”, e a ensinar pelas praças. A nova fé cria comunidades que olham para as casas de família. A casa é uma pequena Igreja não porque reproduz o templo e a relação com os sacerdotes, mas porque os desmonta e nega.²⁰⁰

A casa, ou seja, a unidade socioeconômica fundamental das sociedades antigas tem uma importância eminente tanto no contexto social das primeiras comunidades cristãs como também na linguagem do Novo Testamento.²⁰¹ A primeira comunidade apostólica reúne-se

¹⁹⁸ RICHARD, Pablo. **O movimento de Jesus depois da ressurreição**: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas. 2ª ed., 2001. p. 7.

¹⁹⁹ MOREIRA, Gilvander Luís. **Cristãos pela primeira vez**: comunidades cristãs em Antioquia. In: A Palavra na Vida nº 158/159. CEBI-MG. São Leopoldo: Contexto, 2001. p. 40.

²⁰⁰ CUNHA, 2002, p. 138.

²⁰¹ STEGEMANN, 2004, p. 313.

em uma casa²⁰², e é nessa casa que se vive Pentecostes²⁰³; a comunidade ideal posterior a Pentecostes possui seu centro nas casas, nas quais se celebra a Eucaristia²⁰⁴; é a pequena comunidade que se encontra em condições de resistir à perseguição²⁰⁵; numa casa em Trôade, a comunidade vive a experiência da Palavra, da Eucaristia e da Ressurreição²⁰⁶:

A casa é assim, para as primeiras comunidades cristãs, o lugar de encontro, aberta aos vizinhos, amigos, irmãos, onde todos procuram conhecer-se mais e melhor, dividir os problemas e dificuldades à luz da Palavra, para encontrar caminhos que ajudem a transformar o sonho do reino de Deus em realidade vivida por todos. Por isso, a casa será lugar de abastecimento da fé, onde todos renovam e revigoram suas forças e energias, para cumprir, no mundo, o mandato de Jesus: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia!”²⁰⁷ Paulo ainda perseguidor, sabia que as reuniões cristãs eram nas casas: “Saulo devastava a Igreja entrando nas casas; e arrastando homens e mulheres, os entregava à prisão”²⁰⁸.

Os cristãos eram assíduos às pregações nas praças e ruas, celebravam nas casas, servindo-se do que todos comiam.²⁰⁹ O espaço da casa era o espaço da comunidade cristã, diferente do espaço do Templo. Era na casa onde "distribuíam o pão e faziam as refeições com alegria e simplicidade de coração". A fração do pão aqui certamente é a Eucaristia. Era um banquete com Jesus ressuscitado, onde se participava na comunhão com o corpo e o

²⁰² Cf. Atos 1, 12-14.

²⁰³ RICHARD, 2001, p. 37: “Na narrativa de Pentecostes, podem ser distinguidos dois relatos: um mais primitivo e tradicional nos vv. 1-4 e 12-13 e outro mais evoluído e redacional nos vv. 5-11. O relato antigo tem um caráter carismático e apocalíptico: contém vento impetuoso e línguas como de fogo; as pessoas presentes falam em outras línguas (vv. 1-4) e, por essa razão, são vistas pelos outros como se estivessem bêbadas; os fatos sucedem-se em uma casa (v.2). O segundo relato é profético e missionário; já não é mais uma questão de falar em outras línguas (glossolalia), mas de um evento profético: as pessoas presentes falam em Galileu (aramaico) e cada um entende em sua própria língua nativa. O milagre não está no falar em si (como no caso da glossolalia), mas no ouvir (sobre esse fato, insiste-se em três ocasiões: vv. 6.8.11). Os que estão reunidos para ouvir são um grupo grande. Se o evento primitivo aconteceu em uma casa, agora, no segundo relato, temos muito mais a impressão de encontrar-nos no Templo. Provavelmente, Lucas uniu aqui, em um único relato, duas tradições históricas, cada uma delas com um sentido diferente. Esse recurso literário, nós o descobriremos em vários outros pontos dos Atos dos Apóstolos.”

²⁰⁴ Cf. Atos 2, 42-47.

²⁰⁵ Cf. Atos 4, 23-31.

²⁰⁶ Cf. Atos 20, 7-12.

²⁰⁷ Cf. Mc 16, 15.

²⁰⁸ Cf. Atos 8, 3.

²⁰⁹ CUNHA, 2002, p. 138.

sangue de Cristo e se celebrava a chegada do Reino. A Eucaristia era presidida normalmente pelo chefe do local, cabeça da comunidade eclesial, que se reunia em sua casa.²¹⁰ Não temiam as ameaças do Templo, nem centralizavam o poder em poucas mãos. Discordavam da sociedade em que viviam e sentiam-se parte de um movimento muito mais amplo do que o grupo, muito maior que a própria sociedade em que se encontravam e que muitas vezes os oprimia.²¹¹

É, sobretudo, nos escritos paulinos que a identificação da Igreja da casa se torna mais explícita. O casal Priscila e Áquila teve grande participação nas missões. Sua casa serviu para fundar igrejas em Corinto, Éfeso e Roma. “Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Jesus Cristo: para me salvar a vida, arriscaram a própria cabeça; eu não sou o único a lhes ser grato, todas as Igrejas do mundo pagão também o são. Saudai também a Igreja que se reúne na casa deles.”²¹² De Éfeso, Paulo escreve aos coríntios: “Também vos enviam muitas saudações no Senhor Áquila e Priscila, com a Igreja de sua casa.”²¹³ Na Carta a Filemon, saúda “a igreja que se reúne em tua casa”²¹⁴. Na carta aos Colossenses, manda saudações aos “irmãos de Laodicéia, como também Ninfa e a Igreja que se reúne em sua casa”²¹⁵.

Ao comentar sobre igreja nas casas, Ströher destaca que há duas experiências de comunidade doméstica ou familiar: uma em que o *pater familias* se convertia e toda família o acompanhava, conforme era comum na época e, outra, em que nem todos os membros da família se tornavam cristãos ou que mulheres lideravam a comunidade doméstica.²¹⁶ Segundo o modelo familiar da época, o *pater familias* era a autoridade máxima, e todos os membros da casa ocupavam seu lugar em relação a ele.²¹⁷ Entretanto, na comunidade cristã essa norma era seguida apenas parcialmente. Se, por um lado, o *pater familias* se convertia e levava toda a

²¹⁰ RICHARD, 2001, p. 48.

²¹¹ CUNHA, 2002, p. 138.

²¹² Cf. Rm 16, 3-5.

²¹³ Cf. 1Cor 16, 19.

²¹⁴ Cf. Fm 2.

²¹⁵ Cf. Cl 4, 15.

²¹⁶ STRÖHER, 1998, p. 71.

²¹⁷ ARENS, 2008, p. 76.

casa para a fé, por outro, a decisão pela fé podia ser individual, tanto para o homem, como para os outros membros da família.²¹⁸

De uma casa de iguais, espaço de acolhida e libertação para as primeiras comunidades, a casa vai, aos poucos, assumindo aspectos autoritários. O modelo de casa patriarcal é assumido como modelo de organização e de ordem para as comunidades cristãs. Nesse caminho de patriarcalização as mulheres foram excluídas das funções de lideranças das comunidades. A afirmação da igualdade passa a ser substituída pela afirmação da ética de regras de comportamento familiar patriarcal.²¹⁹

Fazer da casa um espaço de acolhida, solidariedade e de novas relações sociais para todos os filhos e filhas de Deus, depende exclusivamente de nós: “vós todos sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.”²²⁰ Saber organizar a casa é saber cultivar um relacionamento de afeto e de cooperação entre todos os que nela habitam, é saber ordenar o interior para que cada coisa esteja no seu lugar, as relações com o meio ambiente sejam agradáveis e repousantes, como o jardim, a água, os caminhos, a relação de amizade com todos e todas. Todas estas dimensões fazem a casa humana.²²¹

²¹⁸ STRÖHER, 1998, p. 71.

²¹⁹ STRÖHER, 1998, p. 188.

²²⁰ Cf. Gl 3, 26-28.

²²¹ BOFF, 2009, p. 187.

CONCLUSÃO

“Contra tudo e contra todos, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo.”²²²

A nossa pesquisa procurou compreender a função da casa e qual a sua importância para a estruturação da missão cristã como espaço de acolhida, de comunhão, libertação e de inclusão, resgatando a importância das casas, do trabalho e do ambiente doméstico como espaço importante de novas relações comunitárias e evangélicas com potencial transformador, espaço onde a vida se desenrola, onde tudo se discute, onde a família e a comunidade se encontram.

Caminhando pela história da casa observamos as relações entre o corpo e a casa, lugar de referência do homem perante o mundo, abrigo familiar, espaço de socialização e de sociabilidade, de religiosidade, de cuidado com a saúde, de reprodução alimentar. Muito mais do que um lugar de moradia, a casa é um lugar onde desenvolvemos grandes projetos, os quais estão associados a um alto significado social e às necessidades de nosso ego.

²²² BACHELARD, 2008, p. 62.

No mundo greco-romano a casa era patriarcal, formada pela família e por todos os que viviam nela, inclusive os escravos. O *pater familias* era a autoridade máxima, e todos os membros da casa ocupavam seu lugar em relação a ele. O culto doméstico era expressão clara da religiosidade no lar, sendo o pai de família o cabeça do culto, sem nenhuma confirmação externa. Em cada casa havia um altar onde a família se reunia para prestar cultos aos deuses.

O cristianismo primitivo se desenvolveu através da assembleia na casa. A Igreja doméstica foi um fator decisivo para a implementação do cristianismo, visto que tornava possível a vida comunitária. A casa não era somente a base, mas inclusive o modelo da vida social, econômica e política (mesmo percebendo que o papel político estava reservado apenas para o senhor da casa, o *pater familias*). Era plataforma missionária, lugar de acolhida para os pregadores itinerantes e suporte econômico do movimento cristão. O movimento de Jesus se apropriou da casa como instrumento da missão, sendo a casa o espaço principal para a expansão do movimento cristão, especialmente pela hospitalidade oferecida aos missionários e às missionárias itinerantes. A casa para os primeiros cristãos não representava apenas um espaço físico para a acolhida da assembleia, era o lugar de transformações de relações interpessoais e sociais.

Muitas são as casas que observamos em nossas ruas – casas grandes, pequenas, ricas, pobres, mansões, casebres, palafitas, de tijolos, de madeira. Casas feitas de restos das sobras das casas, casas acolhedoras. É nesta casa, na casa do povo que se vive a “teologia da resistência”, onde homens e mulheres se reúnem ao redor da mesa, diferente do Templo onde apenas alguns estão junto à mesa. A Igreja que antes se reunia nas casas ou mesmo nas catacumbas para escapar à perseguição do império romano cede lugar a igreja do palácio, dos grandes templos e das liturgias pomposas, afastada da vida e da realidade do povo e ligada ao poder e ao luxo do império.

O enfraquecimento da unidade familiar fez com que a ideia de se reunir nas casas perdesse a sua validade. A casa passou a ser, na maioria das vezes, o lugar onde as pessoas vêm dormir e (às vezes) comer. Diante de uma sociedade que vive no individualismo, no egoísmo, na acumulação que determina que o dinheiro e o mercado são mais importante que a pessoa, é necessário resgatarmos as raízes da fé cristã e abrir as portas das casas para que aí se possa fazer e ser Igreja, pequenas Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, celebrar e partilhar o pão: resgatar o símbolo das novas relações econômicas, sociais e políticas.

Observamos que a casa é vista como o lugar próprio de um indivíduo (simboliza sua identidade) e sua família, onde se tem privacidade, proteção e isolamento do mundo exterior. O modelo das relações familiares é base para o ordenamento das relações, atitudes e comportamentos, e, conseqüentemente, os princípios de organização espacial da casa. A sociedade molda a imagem da casa através dos tempos à medida que muda a estrutura de valores sociais, culturais, econômicos e religiosos. Mudanças na estrutura de valores têm como consequência mudanças nos elementos programáticos e estruturais da casa. É nesse espaço privado que se aprende a conviver em grupo, em sociedade. Dentro da intimidade do lar, desfrutada pelos membros da família, dessa célula social, se adquire a segurança necessária para se viver em público.

Mais que a projeção de uma imagem, a casa é uma projeção do próprio homem, um reflexo de seu ser. Congrega um conjunto de fatores que a tornam um retrato do morador e da família. Através da casa, o homem reproduz seus limites, suas fronteiras com o mundo. Revelam-se memórias, desejos, esperanças, medos, rituais, ritmos pessoais e hábitos cotidianos. Por isso, a casa é também o retrato de uma época e de sua maneira de enxergar as relações humanas.

Para Felipe,²²³ como agente que transforma o caos isento de significação em cosmo organizado e definido, o ser humano, através da casa, opõe-se ao desconhecido e indiferenciado, para qualificar e dotar de valor distintivo um espaço, fundar um lugar: marco delimitado e destacado do entorno, referência da identidade individual e familiar. A casa manifesta esse desejo de recriação do mundo a partir do caos, um mundo resumido, dominante da ordem natural, cultural e espaço-temporal. Um lugar que se consolida como centro do universo, de onde partem, por contraposição, todas as definições conferidas por nós ao meio exterior.

Na casa guardam-se memórias. A casa é um objeto individual, não no sentido da propriedade ou da privatização tão propagado como direito, mas de abrigo do modo próprio de habitar e das memórias individuais. A esse sentido privado soma-se um sentido coletivo, igualmente significativo.

As casas de minha infância abriam-se aos ventos e à luz. Nelas entravam livremente o frio tiritante do inverno e o calor suarento do verão. O sol inundava-as por completo. Inventaram, depois, o conforto do ambiente condicionado por lâmpadas de monótono brilho e temperatura constante. Fecharam-se as casas hermeticamente, revestiram-nas de isolantes, fizeram-nas ilhas solitárias na paisagem urbana. Escorraçaram delas o ar e a luz da natureza, a variedade infinitiva de suas nuances que eu sentia, em minha infância, nos arrepios da pele, no gotejar da perspiração, no ofuscamento deslumbrante dos olhos, na gostosura das sombras em horas de mormaço, na calidez dos cobertores nas noites geladas. Hoje, não mais, nunca mais.²²⁴

²²³ FELLIPPE, M. L. **Casa: uma poética da terceira pele**. Psicologia & Sociedade, 2010. p. 299-308.

²²⁴ VASCONCELLOS, Sylvio de. **Hoje, não mais, nunca mais**. Estado de Minas, Belo Horizonte, 25 mai. 1977. 2ª seção, p. 6.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA – Tradução Ecumênica: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Edições Loyola/Paulinas, 1995.

ALLMEN, Jean-Jacques Von. (Coord.). **Vocabulário Bíblico.** São Paulo: ASTE, 1972.

ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João:** aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2008. 2ª ed.

AUNEAU, J. et al. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos.** Tradução de M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1985.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, (Tópicos) 2008.

BAILEY, Kenneth. **A poesia e o camponês.** Uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Sociedade religiosa edições Vida Nova, 1985.

BEOZZO, José Oscar (org.). **Curso de Verão:** ano IV. São Paulo: Paulinas, 1990.

BERGER, P. L. **The Social Reality of Religion.** Faber and Faber, 1967.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral: Antigo e Novo Testamento. Tradução em português por Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1991.

BOFF, Leonardo. **A Fé na Periferia do Mundo.** Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. (Frei Betto). **Mística e espiritualidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **O Senhor é meu pastor:** consolo divino para o desamparo humano. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Teologia do Cativo e da Libertação.** São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BOFF, Lina. **Espírito e Missão na Obra de Lucas-Atos:** para uma teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas, 1996.

BRANICK, Vincent. **A Igreja Doméstica nos Estudos de Paulo**. São Paulo: Paulus, 1994.

CABRAL, Álvaro. **Dicionário de psicologia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

CHEVLIER, J & GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1991.

COENEN, Lothar. (Org.) **“Igreja”**. In Dicionário Teológico do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2ª ed. 2000.

COLEMAN, Willian L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. São Paulo, Editora Betânia, 1991.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 1993 – Onde Moras?** – texto-base. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1993.

_____. **Curso Bíblico Popular. O Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 2ª ed. 1998.

_____. **PUEBLA. A Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Texto oficial da CNBB. Petrópolis: Vozes, 1980.

COMBLIN, José. **A Igreja na Casa**. In: Revista Eclesiástica Brasileira (REB), Petropolis: Vozes, 1987, nº 47, fasc. 186.

_____. **Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação**. São Paulo: Paulus. 1996.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1994.

CUNHA, Rogério Ignácio de Almeida. **Você é do caminho?** . Série: A palavra na vida, São Leopoldo: CEBI, n 169/170.

DAMATTA, R. **A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DREHER, Carlos A. et al. **Festas Bíblicas**. In: A Palavra na Vida n. 215. São Leopoldo: CEBI. 2005.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 2v.

DOUGLAS, J. D. (Org.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1966.

FELLIPE, M. L. **Casa: uma poética da terceira pele**. Psicologia & Sociedade, 2010, 22(2), p. 299-308.

FERNANDEZ-GALIANO, L. **El fuego Del hogar:** La producción histórica Del espacio isotérmico. A&V: Monografias de arquitectura y vivienda, nº14. Madri, 1988. p. 33-34.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTARARI, Massimo. **História da Alimentação.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FURTADO, Raimundo Nonato Oliveira. **Impactos na qualidade de vida e ambiental:** um estudo sobre o bairro Cidade Universitária. João Pessoa: CEFET-PB, 2008.

GALLAZZI, Sandro. **Eu estou no meio de vocês como aquele que serve à mesa! (Lc 22,27).** Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. n. 44. Petrópolis: Vozes, 2003.

GASS, Ildo Bohn. **Curso de Bíblia por correspondência: Vida e pregação de Jesus.** São Leopoldo: CEBI, módulo 9, 2003.

_____. **Curso de Bíblia por correspondência: As comunidades espalham-se no mundo Greco-Romano.** São Leopoldo: CEBI, módulo 11, 2003.

_____. **Curso de Bíblia por correspondência: As comunidades da segunda geração cristã.** São Leopoldo: CEBI, módulo 12, 2004.

_____. **Curso de Bíblia por correspondência: As comunidades da terceira geração cristã.** São Leopoldo: CEBI, módulo 13, 2004.

GASQUES, Jerônimo. **Diaconia do Acolhimento:** Desafio à liturgia e à pastoral na cidade. São Paulo: Paulus, 1996.

GEORGE, A. **Leitura do Evangelho segundo Lucas.** São Paulo: Paulus, Coleção Cadernos Bíblicos. 1982.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GUNTER, B. **The psychology of the home.** London: Whur Publischers, 2000.

IDÍGORAS, J. L. **Vocabulário Teológico para a América Latina.** São Paulo: Paulinas, 1983.

IN DIAS, Célia M. M. (org.). **Hospitalidade:** reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

KESTERING, Juventino. **A casa, espaço da catequese?** In: Encontros Teológicos. Florianópolis, 1992. v.2.

KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João:** amor e fidelidade. Petropolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

LAZIER, Josué Adam. **A família no Novo Testamento.** In: Caminhando – Revista Teológica da Igreja Metodista. Belo Horizonte, 1994. n. 7.

- LOHSE, Eduardo. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas. 2004. 2ª ed.
- LOPES, Eliseu Hugo de Lucena. **Atos dos Apóstolos: rosto e informações complementares**. In: A Palavra na Vida 158/159. CEBI-MG. São Leopoldo: Contexto, 2001.
- MACKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MAZZAROLLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MCKAY, A. K.: **Houses, Villas and Palaces: in the Roman World** Londres, 1975.
- MEEKS, Wayne. **O mundo moral dos primeiros cristãos**. São Paul: Paulus, 1996.
- MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 1991.
- MORALDI, Luigi. **Evangelhos Apócrifos**. São Paulo: Paulus, 1999.
- MOREIRA, Gilvander Luís. **Cristãos pela primeira vez: comunidades cristãs em Antioquia**. In: A Palavra na Vida nº 158/159. CEBI-MG. São Leopoldo: Contexto, 2001.
- NOUWEN, Henri J. M. **A volta do filho pródigo**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- OROFINO, Francisco. **Resistência – Solidariedade – Mística**. A Casa e o ano jubilar. In: Estudos Bíblicos nº 58. Petrópolis: Editora Vozes/Sinodal, 1998.
- ORTI, Luiz Vitório. **Comensalidade e acese: conflitos de projetos messiânicos a partir de Lc 7,31-35**. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.
- PALAVRA PARTILHADA. **Metodologia de Leitura Popular da Bíblia**. São Leopoldo: CEBI-SUL. Ano: 11, n. 03. 1992.
- PHILIBERT, Paul. **Mudança no sentido de saúde e assistência à saúde: uma perspectiva do primeiro mundo**. Petrópolis: Concilium. v. 5, n. 278, 1998.
- PLATÃO: **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.
- RAPOPORT, Amos: **House, Form and Culture**. Prentice Hall Inc., 1969.
- RICHARD, Pablo. **O Movimento de Jesus depois da Ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- RICHTER REIMER, Ivoni. **Cura e salvação: experiência na construção da vida em suas múltiplas relações**. Fragmentos de Cultura. Goiânia: v. 12, n. 6 p. 123-53, nov/dez, 2002.
- _____. **Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: Sinodal/CEBI. 2006.

RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre**. São Paulo: Paulus, 1995.

ROLOFF, Jürgen. **A Igreja no Novo Testamento**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal/CEBI. 2005.

RYKWERT, J. **La casa de Adán em El paraíso**. Barcelona: G. Gili. 2ª Ed. 1999.

SCHEID, John. “**Estrangeiras**” indispensáveis: papéis religiosos das mulheres em Roma. In: STRÖHER, Marga J. “A Igreja na casa dela”. São Leopoldo: IEPG, Série Ensaio e Monografias. 1996.

SCHIAVO, Luis, SILVA, Valmor da. **Jesus milagreiro e exorcista**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SCHILLEBEECKX, Eduard. **Por uma Igreja mais humana**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004.

SCHWANTES, Milton. **Palavras junto à fonte** – Lindas palavras em lugares escondidos: Anotações sobre Gênesis 16,1-16. In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, nº 39, Petrópolis: Vozes, 2001.

SECRETARIADO NACIONAL DO 11º INTERECLESIAL DAS CEBS. **CEBs: Espiritualidade Libertadora** – Seguir Jesus no Compromisso com os excluídos – Texto Base. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2004.

SERVIÇO BÍBLICO LATINO AMERICANO. Disponível em:
<<http://www.clartianos.com.br/servicobiblico/index.jsp?dia=14&mês=3&ano=2010>>.
Acesso em: 14 mar. 2010.

SILVA, Marilu Albano da. **Cozinha: espaço de relações sociais**. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/10083/5852>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

SIMSON, Wolfgang. **Casas que transformam o mundo: Igreja nos lares**. Tradução Werner Fuchs. 2ª ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2008.

STEGEMANN, Ekkehard et al. **História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

STORNIOLO, Ivo. **Como Ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

STRÖHER, Marga J. “**A Igreja na casa dela**”. São Leopoldo: IEPG, Série Ensaio e Monografias. 1996.

_____. **Casa igualitária e casa patriarcal** – espaço e perspectivas diferentes de vivência cristã. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo: 1998.

TAMEZ, Elza. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo**. São Leopoldo: Clai / Sinodal, 2004.

THEISSEN, Gerd et al. **O Jesus Histórico**. São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2004.

TAYLOR, W. C. **A Epístola de Gálatas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1954.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **A boa notícia segundo a comunidade de Lucas**: “o espírito me ungiu para evangelizar os pobres”. In: Série: A Palavra na Vida. São Leopoldo: CEBI, nº 123/124, 1998.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Hoje, não mais, nunca mais**. Estado de Minas, Belo Horizonte, 25 mai. 2ª seção, 1977.

VENDRAME, Calisto. **A cura dos doentes na bíblia**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 54-5.

VEYNE, Paul (Org.). **História da vida privada** – Império Romano ao ano 1000. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WEGNER, U. (org). **Práticas Diaconais**: subsídios bíblicos. São Leopoldo: Sinodal / CEBI, 2004.

WENZEL, João Inácio. **O caminho do seguimento no Evangelho de Lucas**. São Leopoldo: CEBI, 1998.

WOORTMANN. Ellen. F. **Da complementaridade à dependência, a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do nordeste**. Brasília. Série Antropológica. 1991.

WOORTMANN. Klaas, **Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda**. Relatório final. Brasília Série Antropológica. 1982.